Poemas completos de Alberto Caeiro

BOM LIVRO

FERNANDO PESSOA
Poemas completos de Alberto Caeiro

ANTOLOGIA

Apresentação, organização,
notas e comentários críticos
Carlos Felipe Moisés

editora ática

Poemas completos de Alberto Caeiro
© Carlos Felipe Moisés, 2006

gerente editorial Fabricio Waltrick
editora Lígia Azevedo
editora assistente Fabiane Zorn
edição de texto Paulo Nascimento Verano
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisoras Bárbara Borges e Cláudia Cantarin

ARTE
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
imagem da capa *Herança*, 2007, obra de Thiago Rocha Pitta
coordenadora de arte Soraia Scarpa
assistente de arte Thatiana Kalaes
diagramação Ludo Design
tratamento de imagem Cesar Wolf, Fernanda Crevin
pesquisa iconográfica Angelita Cardoso, Silvio Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P567p
2. ed.

Pessoa, Fernando, 1888-1935
Poemas completos de Alberto Caeiro / Fernando Pessoa; [organização Carlos Felipe Moisés]. - 2. ed. - São Paulo: Ática, 2013.
160 p. (Bom Livro)

Apêndice
ISBN 978-85-08-16419-6

1. Poesia portuguesa. I. Moisés, Carlos Felipe. II. Título. III. Série.

13-02308 CDD: 869.1
CDU: 821.134.1-1

ISBN 978 85 08 16419-6

CL: 738129
CAE: 458681

2019
2ª edição
2ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2007
Avenida das Nações Unidas, 7221 | Cep 05425-902 | Pinheiros | São Paulo | SP |
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

EDITORA AFILIADA

Sumário

Uma aprendizagem de desaprender 7

O guardador de rebanhos 31
Nota sobre o texto 33
Poemas 35
Comentário crítico 53
Poemas 55

O pastor amoroso 73
Nota sobre o texto 75
Poemas 77
Comentário crítico 81

Poemas inconjuntos 83
Nota sobre o texto 85
Poemas 87
Comentário crítico 95
Poemas 97

Documentos 119
Carta sobre a gênese dos heterônimos (a Adolfo Casais Monteiro) 121
Notas para a recordação do meu mestre Caeiro (por Álvaro de Campos) 131

Indicações de leitura 137
Resumo biográfico 141
Outras edições de Alberto Caeiro 147
Índice dos primeiros versos 149
Obra da capa 157

UMA APRENDIZAGEM DE DESAPRENDER

Carlos Felipe Moisés

Poeta, crítico literário e tradutor. Especialista em Fernando Pessoa, é mestre, doutor e livre-docente em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo (USP).

Heterônimo x pseudônimo

Fernando Pessoa (1888-1935) é um dos mais prestigiados escritores de língua portuguesa do século XX, sendo conhecido desde o início da carreira como "o poeta dos heterônimos". Em princípio, nada muito complicado: "heterônimo" é um nome falso ou fictício, adotado não para encobrir a identidade do autor (como acontece com o "pseudônimo"), mas para expressar uma identidade ou personalidade imaginária, diferente da do autor. Casos de escritores que utilizaram pseudônimos são comuns na história literária: Alceu Amoroso Lima (1893-1983), o grande crítico do modernismo, assinou vários de seus livros e artigos com o nome falso "Tristão de Ataíde"; Mário de Andrade (1893-1945), um dos líderes do mesmo movimento modernista, se escondeu sob o pseudônimo "Mário Sobral" em seu livro de estreia, *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917); o dramaturgo e ficcionista Nelson Rodrigues (1912-1980) adotou o pseudônimo "Suzana Flag" numa série de crônicas e em mais de um romance, em certa fase de sua carreira; e assim por diante. Já o caso do escritor que cria diferentes personalidades literárias, cada qual com seu estilo próprio, é mais raro. A maioria dos críticos, na verdade, acredita que o poeta português seja caso único, mas alguns detectam em outros escritores, de outros idiomas, fenômeno semelhante — como no poeta espanhol Antonio

Fernando Pessoa caminhando numa rua da Baixa, em Lisboa, 1927.

Machado (1875-1939) ou no irlandês, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1923, W. B. Yeats (1865-1939). Em nenhum, porém, a criação de diferentes máscaras ou sujeitos líricos corresponde a um processo tão sistemático e tão criteriosamente concebido como em Fernando Pessoa, o único a inventar personalidades completas e acabadas como Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Bernardo Soares e tantos outros heterônimos, cada qual com sua obra inconfundível e suas características peculiares[1].

Ao longo dos anos, a questão dos heterônimos, como várias outras suscitadas pela produção singular desse autor, tem sido amplamente analisada e discutida pela crítica, que até hoje não chegou a uma solução definitiva para muitas dúvidas. Isso talvez seja mais um indício da grandeza da obra: parece inesgotável o estímulo estético e intelectual que daí emana.

O que se pode afirmar é que os heterônimos evidenciam o alto poder imaginativo do poeta, sua invulgar capacidade de fantasiar e de dar forma literária convincente e plausível, enquanto linguagem, à sua imaginação. Nesse sentido, podemos entender os heterônimos como equivalentes a personagens — de um romance ou novela, por exemplo. Teríamos então personagens-poetas que, em vez de protagonizarem as peripécias de um enredo (como numa novela ou romance), limitam-se a escrever os seus poemas.

Este livro não pretende aprofundar as questões acima anunciadas. Nosso propósito, mais modesto, é fazer um recorte no amplo e variado conjunto da obra pessoana e concentrar a atenção em apenas um de seus heterônimos: Alberto Caeiro. Caso não tenha lido nada de Fernando Pessoa, nem tenha ouvido falar do poeta criador de heterônimos, o leitor encontrará aqui um conjunto de poemas que têm personalidade própria e um estilo peculiar, e que poderão ser lidos como se se tratasse de um poeta independente — do mesmo modo como se leria outro poeta qualquer.

Claro, isso é só um ponto de partida. Lido Alberto Caeiro, e sabendo que se trata de um "heterônimo", isto é,

---

1 Ver "Carta sobre a gênese dos heterônimos", na seção "Documentos", p. 121.

de uma personagem de ficção, inventada por um escritor muito imaginativo chamado Fernando Pessoa, o leitor terá curiosidade de conhecer os demais heterônimos; terá interesse em saber se, para além das diferenças, existem semelhanças e afinidades; se é válido relacionar essas personalidades fictícias à personalidade do seu criador; e se por acaso haverá um denominador comum a todos eles. A maioria dos leitores não se satisfaz em ler só "alguma coisa" do grande poeta: todos querem ler mais. O propósito deste livro é começar (e começar bem) por Alberto Caeiro. Antes, porém, de entrar na nossa matéria, convém situar Fernando Pessoa no seu tempo, dedicando a essa questão os dois tópicos seguintes.

Uma nação em crise

Nascido em Lisboa, em 1888, Fernando Pessoa tinha menos de 2 anos quando Portugal sofreu uma das maiores humilhações de sua história, no episódio conhecido como *Ultimatum*[2], de 11 de janeiro de 1890. Nessa data, a Grã-Bretanha exigiu que os portugueses retirassem imediatamente as tropas que mantinham na região do Xire, na África; caso contrário, declararia guerra ao país. Apesar dos protestos populares e da onda de indignação, o governo português não teve alternativa senão obedecer. Vale a pena deter a atenção no episódio, pois esse período histórico, que corresponde aos anos de formação do poeta, repercutirá vivamente em sua obra.

Fernando Pessoa à época do *Ultimatum* (1890), episódio que abalou Portugal e repercutiu na obra do poeta.

2 ***Ultimatum***: forma latina de "ultimato"; exigência ou último aviso, cujo não cumprimento, em uma negociação diplomática, acarretará o fim das conversações e o uso da ação direta.

Largo de São Carlos, em Lisboa, onde Fernando Pessoa nasceu, em 1888. (Foto da época.)

De um lado, é preciso ver na belicosa arrogância inglesa um recado dirigido não propriamente a Portugal, mas à Itália, à França e à Alemanha, que disputavam com a Inglaterra a hegemonia internacional. O móvel não era outro senão a ganância imperialista voltada para as ricas possessões que esses países detinham na África e no Oriente. Estava assim armado, aliás, o cenário político-econômico em que se deflagraria a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. De outro lado, o episódio acentuava a ironia da situação. Os portugueses sabiam muito bem que, num tempo remoto (entre 1415, quando se deu a tomada de Ceuta, na África, início da expansão marítima portuguesa, e 1580, começo do domínio espanhol), Portugal tinha erguido um dos maiores impérios do mundo moderno, tornando-se nação poderosa e respeitada em toda a Europa. Desse modo, o *Ultimatum* inglês torna evidente que a outrora grande nação portuguesa se reduzira, no final do século XIX, a simples carta fora do baralho no jogo de dominação em que as nações europeias se engalfinhavam.

O consolo é que, graças a isso, o país não se envolveu na disputa entre as grandes potências e escapou praticamente ileso dos horrores da Primeira Guerra Mundial. Mais ainda: esqueceu logo, no plano internacional, a humilhação do *Ultimatum*, reatou relações diplomáticas com a Inglaterra, vindo a figurar como país aliado, e pôde assim preservar as colônias que possuía, na África e na Ásia. Após o conflito, Portugal continuou a se beneficiar da aliança com a Inglaterra e do afluxo de capitais estrangeiros, que fugiam de uma Europa abalada pela guerra. Mas, no plano interno, a humilhação imposta pelos ingleses, em 1890, havia deixado marcas profundas.

Uma das consequências imediatas foi o acirramento das lutas antimonárquicas, provada que estava a falência política, econômica e militar do Velho Regime. Mas podemos recuar um pouco. Já no início do século XIX, o liberalismo dos primeiros românticos — Almeida Garrett (1799-1854) e Alexandre Herculano (1810-1867) à frente — havia tentado insurgir-se contra o absolutismo monárquico; mais adiante, por volta de 1865, os realistas, liderados por Antero de Quental (1842-1891) e Teófilo Braga (1843-1924), também se lançaram contra os privilégios da realeza, mas foi preciso um *Ultimatum*, vindo de fora, para levar a revolta a seu ponto máximo e promover a queda da Monarquia.

Barricadas republicanas nas ruas de Lisboa, em 1910.

O velho regime começou a ser derrubado no dia 1º de fevereiro de 1908, quando um fanático republicano se aproximou da carruagem real, que retornava de Vila Viçosa a Lisboa, e fuzilou à queima-roupa dois dos seus ocupantes: o rei dom Carlos (1863-1908) e o príncipe herdeiro Luís Filipe (1887-1908). A comoção foi geral, os ânimos se exaltaram e durante dois anos o país viveu em clima de desordem. Finalmente, no dia 5 de outubro de

Sidônio Pais, presidente de Portugal de dezembro de 1917 a dezembro de 1918.

1910, foi proclamada a República. Mas os ânimos estavam longe de serenar. Apesar de vitorioso, o movimento republicano enfrentava, no Parlamento, uma cerrada oposição monarquista, cujos adeptos, em grande número, ao se darem conta da fragilidade do novo regime, passaram a lutar abertamente pela volta à Monarquia.

Vários governos provisórios se sucederam, uns mais liberais, outros mais conservadores, uns relativamente bem-sucedidos em termos de composição política, outros desastrosos e violentos, chegando ao poder pela força e sendo daí alijados também pela força. No dia 14 de dezembro de 1918, por exemplo, um fanático monarquista decidiu vingar a morte do rei dom Carlos, assassinando o então presidente da República, Sidônio Pais (1872-1918), um militar, ex-ministro das Finanças. A comoção foi quase tão intensa quanto a do atentado que pusera fim à Monarquia. (Dois anos depois, Fernando Pessoa, já na maturidade dos seus 32 anos, escreverá um longo poema de teor místico e nacionalista, intitulado "À memória do presidente-rei Sidônio Pais".)

Portugal era um país dividido, mergulhado em uma crise institucional sem precedentes, que se arrastava fazia mais de dez anos e parecia destinada a durar indefinidamente. Durou até 28 de maio de 1926. Nessa data, a vitoriosa revolução liderada pelo general Gomes da Costa (1863-1929) deu início ao que se chamou República Unitária e Corporativa, que começou por substituir a Constituição liberal-democrática por outra, de feição autoritária. Em 1932, Antônio de Oliveira Salazar (1889--1970), ministro das Finanças desde 1928, foi designado para o cargo de "presidente do Ministério", deu forma claramente ditatorial ao regime, agora designado por Estado Novo (inspirado no fascismo italiano e no

nazismo germânico[3]), e chamou para si todo o poder, que exerceu com mão de ferro por várias décadas.

O país viveu, a partir daí, um longo período de ordem, estabilidade econômica e austeridade, graças à exploração sistemática das colônias africanas, à supressão das liberdades individuais e, na prática, à extinção dos partidos e agremiações que ameaçassem contestar o regime. Mas, desse longo período, Fernando Pessoa só conheceu o momento inicial, pois morreu em 1935, aos 47 anos.

A última foto de Fernando Pessoa, tirada em 1935, ano de sua morte.

A Águia, Orpheu, Presença

O *Ultimatum* inglês tinha desencadeado uma forte onda de insegurança e pessimismo, mesclada de sentimento saudosista, que induziu os portugueses, deprimidos diante do Portugal de então, a buscar consolo e inspiração nas glórias do passado, a fim de contrabalançar o pessimismo pela arregimentação do espírito cívico em torno da tarefa de reconstruir o país, nos moldes do grande império erguido na época dos descobrimentos. Tal espírito encontrou seu porta-voz no poeta e pensador Teixeira de Pascoais (1877-1952), autor de uma filosofia genuinamente portuguesa: o saudosismo, baseado na metafísica[4] da saudade. Esse pensamento foi amplamente divulgado por meio de

---

3 **fascismo:** regime que vigorou na Itália de 1922 a 1945, caracterizado pela ditadura de um partido único, sob o comando de Benito Mussolini (1883-1945); **nazismo**, ou nacional-socialismo: ideologia nacionalista e racista que prevaleceu na Alemanha entre 1933 e 1945 e teve como líder máximo Adolf Hitler (1889-1945). Nazistas e fascistas se aliaram, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em seu propósito de dominar a Europa e o resto do mundo, tendo sido combatidos e derrotados pelas forças democráticas, representadas principalmente pela Inglaterra e pelos Estados Unidos.

4 **metafísica:** do grego antigo *metà*, "além de, depois de", e *physis*, "natureza ou física", significa, portanto, algo como "além da natureza". Trata-se de um conceito fundamental à filosofia. (N.E.)

Capa de *A Águia*, revista em que Fernando Pessoa estreou como crítico literário, em 1912, aos 24 anos.

panfletos, conferências, artigos e livros, e acabou assumindo a forma de movimento literário e social, designado por Renascença Portuguesa, cujo órgão oficial foi a revista *A Águia*, dirigida por Pascoais de 1910 a 1916.

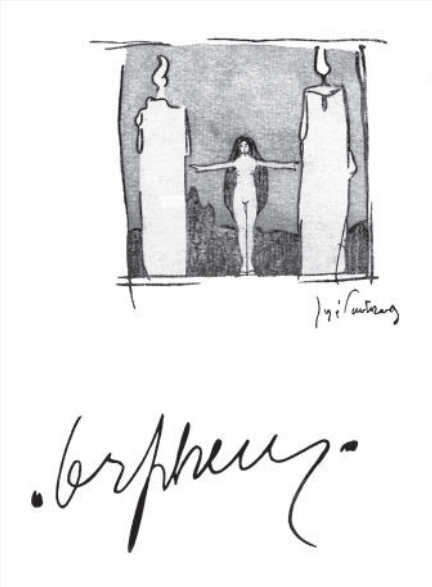
Foi exatamente em um dos primeiros números dessa revista que Fernando Pessoa fez sua estreia literária, não como poeta, mas como crítico. Entre abril e novembro de 1912, aos 24 anos, Pessoa publicou aí dois artigos, em que analisa "A nova poesia portuguesa", isto é, a poesia inspirada no movimento da Renascença Portuguesa e no saudosismo. Tais artigos chamaram a atenção pelo extremo rigor lógico da argumentação, pelo vigor do raciocínio, repleto de paradoxos, e pelo tom intrigantemente profético.

Pessoa defende neles a tese de que a decadência das instituições constituía o mais forte indício de que estava por surgir um poeta de grande envergadura, um "supra-Camões", destinado a sobrepujar o autor de *Os lusíadas*. Esse poeta máximo, de acordo com a "profecia" pessoana, seria o criador de uma obra poética grandiosa, capaz de sintetizar a excelência da alma portuguesa, então dispersa e estagnada, dando início a uma nova era de bem-aventurança. Muitos julgaram que Pessoa se referia à figura carismática de Teixeira de Pascoais; já outros entenderam que o jovem estreante imodestamente anunciava a sua própria e iminente aparição como poeta.

O fato é que a doutrinação da Renascença Portuguesa era demasiado tradicionalista e conservadora para atrair Fernando Pessoa por muito tempo. Ele logo se afastou da revista *A Águia*, ligou-se a escritores e artistas plásticos de sua geração — Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), Almada

Negreiros (1893-1970), Luís de Montalvor (1891-1947) e outros — e, com eles, revolucionou a cultura portuguesa, lançando a revista *Orpheu*, em 1915. Só então, em termos literários, Portugal ingressou no século XX, entrando em sintonia com o expressionismo, o futurismo, o cubismo, o surrealismo e outras correntes de vanguarda.

A intenção do grupo de *Orpheu* é ostensivamente chocar, agredir a mentalidade burguesa e a acomodação cultural e estética a que o país se entregara, depois do grande surto inovador promovido pela geração realista, na segunda metade do século XIX. Fernando Pessoa teve papel decisivo, nessa altura, sobretudo através da figura rebelde do heterônimo Álvaro de Campos.



Capa do primeiro número de *Orpheu*, revista literária que introduziu o modernismo em Portugal.

Orpheu teve apenas dois números (o terceiro ficou no prelo[5]), mas foi o suficiente para mudar os rumos da literatura portuguesa. Tão rapidamente como se formou, o grupo se desfez: Sá-Carneiro, poeta e ficcionista, suicidou-se em Paris, em 1916; uns partiram para o exterior, outros se recolheram à criação da própria obra. Pessoa ainda tentou sustentar o movimento de rebeldia, fundando ou ajudando a fundar outras revistas, similares, mas nenhuma delas conseguiu reeditar o impacto provocado por *Orpheu*. Nem era preciso. A arte de vanguarda tinha sido introduzida com escândalo em Portugal, e não era mais possível voltar atrás.

A geração que vem logo a seguir — João Gaspar Simões (1903-1987), José Régio (1901-1969), Miguel Torga (1907-1995), Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) —,

5 **prelo:** máquina impressora. Neste caso, compreende-se que o terceiro número de *Orpheu* não chegou a ser impresso. (N.E.)

FERNANDO PESSOA

MENSAGEM

LISBOA 1934
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
44 RUA AUGUSTA 54

Capa da primeira edição de *Mensagem* (1934), único livro em língua portuguesa publicado por Fernando Pessoa.

além de consolidar as conquistas modernistas, franqueou as páginas de sua revista, a *Presença* (que teve longa duração, de 1927 a 1940), a Fernando Pessoa, reconhecendo-o desde logo como poeta maior. Com isso, esse periódico será responsável pela divulgação de boa parte da poesia e da prosa pessoanas. Dois dos seus diretores, Casais Monteiro e Gaspar Simões, produzirão os primeiros estudos críticos sobre o poeta e trocarão com ele uma longa correspondência, que passará a constituir importante documento para a compreensão de sua obra[6]. A segunda geração modernista portuguesa, em suma, colabora decisivamente para firmar o prestígio de Fernando Pessoa como um dos maiores escritores de Portugal no século XX, em um momento em que ele ainda não havia publicado nenhum livro em língua portuguesa. *Mensagem*, o único que publicou, só chegou ao prelo em 1934, um ano antes de sua morte.

Delineado o cenário em que Fernando Pessoa viveu e em que criou sua obra[7], podemos agora concentrar a atenção na figura do heterônimo Alberto Caeiro.

O poeta-pastor

De que tratam ou de que nos falam os poemas de Alberto Caeiro? Resposta: da natureza ou da paisagem rural. Caeiro se apresenta como um "guardador de rebanhos", isto é, um pastor, e cada poema seu equivale a um flagrante da sua vida diária, em estreito contato com as pedras e as plantas; as árvores, as flores e os riachos; o sol, a chuva, o vento, as

6 Ver na seção "Documentos", na p. 121, uma das cartas que Pessoa dirigiu a Adolfo Casais Monteiro.

7 Consultar também o "Resumo biográfico", na p. 141.

nuvens e os animais. Ao mesmo tempo que vai descrevendo a paisagem que o rodeia, ele expõe também o seu modo de ser — simples, natural e espontâneo —, o modo de ser de quem se limita a olhar para as coisas e só acredita nas sensações imediatas, não nos pensamentos: "Pensar é estar doente dos olhos", ele adverte, logo no segundo poema.

Uma das consequências dessa atitude é Caeiro aceitar as coisas como são, ou como se apresentam aos sentidos. Ele não tem dúvidas, não faz perguntas, não se questiona, não se preocupa em saber o que as coisas "significam" nem se poderiam ser diferentes do que são: "Não tenho ambições nem desejos", ele diz.

Paralelamente, ao se referir à sua própria pessoa, ele se considera mero prolongamento da realidade sensível que o cerca, e com a qual se identifica, e por isso atribui à sua existência individual a mesma categoria das plantas ou das pedras:

> Sei que a pedra é real, e que
> [a planta existe.
> Sei isto porque elas existem.
> Sei isto porque os meus
> [sentidos mo mostram.
> Sei que sou real também.
> Sei isto porque os meus
> [sentidos mo mostram,

Por isso, também, no mesmo poema em que deseja "sol" a seus leitores, "e chuva, quando a chuva é precisa", ele recomenda: "pensem / Que sou qualquer coisa natural". O pensador Edmund Husserl (1859-1938), fundador da fenomenologia, utiliza exatamente a expressão "atitude natural" (que, às vezes, alterna com "realismo ingênuo") para definir o modo de ser no qual podemos enquadrar, de início, o nosso pastor-poeta. Como diz o filósofo, é graças a essa espécie de realismo ingênuo que

> eu tenho consciência de um mundo estendido ao infinito no espaço e que vem a ser infinito no tempo. Tenho consciência dele, quer dizer, antes de tudo: encontro-o diante de mim, imediata e intuitivamente, experimento-o. Através da vista, do tato, dos ouvidos, etc., nos diversos modos de percepção sensível, as coisas corpóreas se

> encontram, em uma ou outra distribuição espacial, para mim, simplesmente aí, aí adiante[8].

Ligar-se ao mundo pelos sentidos, como o faz Caeiro, determina a marca mais característica da sua existência, guiada pela simplicidade e por uma equilibrada harmonia. Mas não nos esqueçamos de que ele não é só pastor, mas sobretudo poeta, razão pela qual devemos prestar atenção à sua linguagem, ao modo como ele se expressa. E aí o que temos é uma perfeita coerência. Seu realismo ingênuo está muito bem representado no vocabulário simples e acessível, extraído da fala cotidiana; na sintaxe despida de maiores artifícios e em que a articulação das frases, quase sempre curtas, na ordem direta, se dá preferencialmente por coordenação e não por subordinação. (Orações coordenadas, sabemos bem, são afirmações independentes, que vão-se ligando umas às outras, em sequência linear; já o período composto por subordinação implicaria afirmações que se organizam de forma complexa, várias linhas de raciocínio que se cruzam e interdependem.) Além disso, Caeiro recorre também, com frequência, a um expediente primário em matéria de linguagem poética, que é a comparação explícita: "triste como um pôr de sol", "noite entrada / Como uma borboleta pela janela", "meu olhar é nítido como um girassol", "Triste como esmagar flores em livros", "simples e calmos, / Como os regatos", etc. Podemos ficar em dúvida, nesses exemplos, quanto ao exato sentido que ele quer transmitir com "triste" ou "olhar nítido". Mas, diante da comparação explícita com "pôr de sol" e "esmagar flores em livros", no primeiro caso, e "girassol", no segundo, a dúvida praticamente desaparece: nós vemos, com clareza, o sol se pondo, os livros, as flores esmagadas, o girassol… Daí a gostosa sensação de que entendemos tudo…

É essa talvez a sensação dominante que experimentamos, ao longo do livro todo: Caeiro nos proporciona uma leitura

---

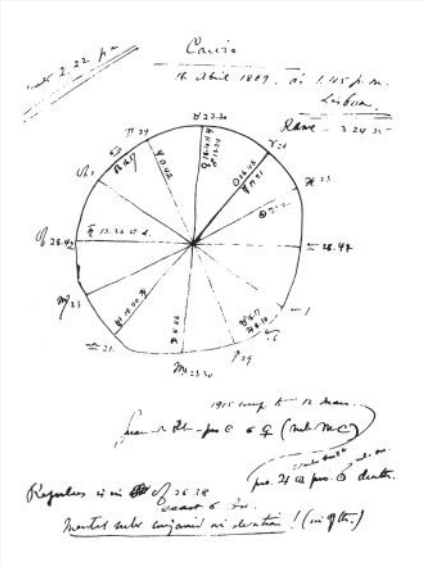
8 Husserl, Edmund. *Ideas relativas a una fenomenología pura*. Traduzido livremente do espanhol. México: Fondo de Cultura Económica, 1962, p. 64.

fluente e sem atropelos, que não nos incomoda com palavras difíceis (só uma ou outra, muito pouco, umas expressões regionais). Suas frases são sempre claras e diretas, e aquilo de que nos fala é do conhecimento de todos, podendo ser visualizado sem dificuldade. É claro que isso varia de leitor para leitor, mas o sentimento que ele nos passa, no geral, é de serenidade, paz interior, acordo consigo mesmo e com o mundo — ausência de conflitos e ansiedade, em suma.

Só isso já não seria motivo suficiente para justificar a admiração que Alberto Caeiro vem despertando em milhares de leitores, desde que Fernando Pessoa começou a divulgar os poemas desse heterônimo, nas primeiras décadas do século XX? Quanto a esse aspecto, a admiração provém do acentuado contraste entre o mundo sereno, equilibrado e tranquilo do poeta-pastor e o mundo cada vez mais conturbado em que vivemos. A reação mais comum entre os leitores de "O guardador de rebanhos" é: "Ah! Quem me dera que a minha vida fosse assim também!"

Caeiro, personagem de ficção

Fernando Pessoa não se limitou a inventar personagens-poetas, como Alberto Caeiro, com seus poemas característicos, mas também esboçou o perfil biográfico de cada um e escreveu uma série de textos em prosa, nos quais estabelece relações entre eles, explica como chegaram a se conhecer e que opiniões tem cada um sobre os demais. Nada disso foi organizado em forma de enredo, mas trata-se de uma interessante matéria de ficção, paralela à criação poética, que só confirma o alto poder imaginativo do escritor. O estímulo dessa ficção é tão forte que José Saramago (1922-2010), o escritor português ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1998, escreveu um romance inteiro, mais de quatrocentas páginas, *O ano da morte de Ricardo Reis*, inspirado nos poemas e nas notas biográficas relativas a esse heterônimo — que, aliás, se considera o único discípulo de Alberto Caeiro, embora outro hete-



Assinatura de Alberto Caeiro e nota indicando sua data de nascimento.

Mapa astral de Alberto Caeiro, feito por Fernando Pessoa.

rônimo, Álvaro de Campos, e o próprio Fernando Pessoa também se considerem discípulos do mesmo mestre.

Vamos pôr de lado, por um momento, o amplo conjunto a que podemos chamar "ficção heteronímica" para destacar a figura de Alberto Caeiro. Podemos começar pelas informações e os comentários que seguem, todos assinados por Ricardo Reis[9]. São só alguns fragmentos, mas já dão ideia da fértil imaginação de Fernando Pessoa e mostram bem por que razão esse heterônimo considera Caeiro o seu mestre.

Alberto Caeiro da Silva nasceu em Lisboa a 16 de abril de 1889, e nessa cidade faleceu, tuberculoso, em (?) de (?) de 1915. A sua vida, porém, decorreu quase toda numa quinta do Ribatejo[10]; só os últimos meses dele foram de novo passados em sua cidade natal. Ali foram escritos quase todos os seus poemas. [...]

9 Entre os seus inéditos, Pessoa deixou inúmeros rascunhos e esboços de um "Prefácio a Alberto Caeiro", sob a responsabilidade de Ricardo Reis, que nunca chegou a ser concluído. Os trechos transcritos contêm exemplos desse projeto. (In: Pessoa, Fernando. *Páginas íntimas e de autointerpretação*. Org. Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. Lisboa: Edições Ática, 1966, p. 329, 345, etc.).

10 **quinta:** pequena propriedade rural; **Ribatejo:** província de Portugal, ao norte de Lisboa.

Nestes poemas aparentemente tão símplices[11], o crítico, se se dispõe a uma análise cuidada, hora a hora se encontra defronte de elementos cada vez mais inesperados, cada vez mais complexos. Tomando por axiomático[12] aquilo que desde logo o impressiona, a naturalidade e a espontaneidade dos poemas de Caeiro, pasma de verificar que eles são, ao mesmo tempo, rigorosamente unificados por um pensamento filosófico. [...]

A nossa primeira impressão de Caeiro é que todos sabem o que ele nos diz, e que por isso não há necessidade de o dizer. Mas é a velha história do ovo de Colombo[13]. Se todos o sabem, por que é que ninguém o disse? Se não vale a pena dizê-lo, mas é verdadeiro, por que é que cada poeta diz o contrário? [...]

A obra de Caeiro, a par da sua originalidade profunda e reveladora, é uma cousa natural que encanta e livra. [Há] horas em que busco apenas nela consolar-me das malícias e injustiças da vida. Vou então haurir[14] nestes versos imortais a tranquilidade e o repouso. Porque esta obra, fora de ser o que é de inovador, é um repouso e um livramento, um refúgio e uma libertação. [...]

Para completar o quadro acima, convém ler, na seção Documentos, o belo texto de prosa narrativa "Notas para a recordação do meu mestre Caeiro", assinado por Álvaro de Campos. Com isso, teremos, ao lado dos poemas, uma imagem mais abrangente e variada — vida e obra — do nosso heterônimo-pastor.

Voltemos então à poesia de Caeiro, para deslindar a seguinte questão: como pode um indivíduo simples e ingênuo como ele, que até mesmo se recusa a pensar, vir a ser considerado "mestre" por quem quer que seja?

---

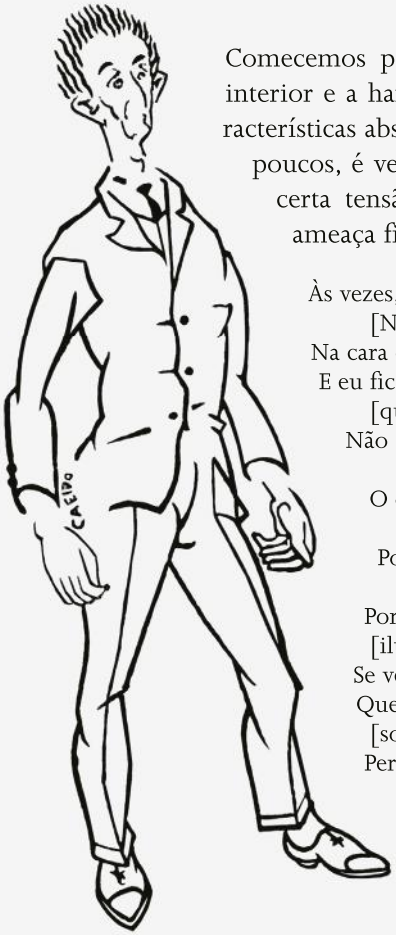
11 **símplice:** simples.

12 **axiomático:** evidente, inquestionável.

13 **Cristóvão Colombo:** navegador italiano (Gênova, c. 1450-1506) que descobriu a América e, também, como se coloca em pé um ovo cru, trincando de leve a extremidade. A expressão designa qualquer coisa que fica fácil depois que alguém mostra como se faz.

14 **haurir:** retirar, extrair.

Caeiro, mestre



Comecemos por observar que a serenidade, a paz interior e a harmonia, antes assinaladas, não são características absolutas e inalteráveis. Há momentos — poucos, é verdade — em que Caeiro não esconde certa tensão, certa inquietude, e por vezes até ameaça ficar irritado:

Às vezes, de repente, bate-me a
[Natureza de chapa
Na cara dos meus sentidos,
E eu fico confuso, perturbado,
[querendo perceber
Não sei bem como nem o quê… [...]

O que nós vemos das cousas são as
[cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se
[houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seriam
[iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir? [...]
Que pensará o meu muro da minha
[sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar
[por mim
A perguntar-me cousas…
E então desagrado-me, e
[incomodo-me. [...]

Alberto Caeiro na visão do artista plástico português Almada Negreiros (1893-1970), colega de Fernando Pessoa em *Orpheu*.

Tais momentos trazem à tona aquilo que no restante dos poemas permanece latente e pode passar despercebido. Ao contrário do que parece, e ao contrário do que ele próprio afirma, Caeiro não se limita a olhar para as coisas e, muito menos, a valer-se apenas dos sentidos. Na verdade, ele está o tempo todo pensando, raciocinando, refletindo. Todos os seus poemas, sem exceção, dão mostras de uma intensa atividade mental, de onde vai brotando, sem cessar, um pensamento altamente elaborado — um pensamento com base no qual ele afirma apenas olhar para as coisas. O que espanta e surpreende é que a ideia básica

desse pensamento é… não pensar. Afinal, para defender a ideia de que não se deve pensar, como o faz Caeiro, é preciso… pensar!

É possível ficar sem pensar? Imaginemos alguém que se esforce por esvaziar seu espírito de toda e qualquer ideia ou raciocínio e, assim que o consiga, anuncie a quem estiver por perto, ou a si mesmo (não precisa ser em voz alta): "Pronto! Não estou pensando…". Nesse exato instante, ele ou ela terá voltado a pensar. Nós podemos, sem dúvida, imaginar o que seria "não pensar". Mas, se formos ou não capazes de realizar essa proeza, ninguém ficará sabendo. Para saber, ou pelo menos para saber essa espécie de coisas, precisamos das palavras ou da linguagem. (Convém não esquecer: Alberto Caeiro é sobretudo poeta, e é com isso mesmo — as palavras, a linguagem — que ele lida, e não com as coisas em si.) Pois bem, se começarmos a discorrer sobre a experiência de não pensar, isso será a prova de que estamos pensando. Não é o que acontece com o pastor-poeta? Ele está o tempo todo pensando em como seria bom não pensar… Sua filosofia é não ter filosofia nenhuma, e isso continua sendo uma filosofia. Afirmar, reiteradamente, verdades como "pensar é não compreender", "Há metafísica bastante em não pensar em nada", "O único mistério é haver quem pense no mistério", "O único sentido íntimo das cousas / É elas não terem sentido íntimo nenhum", e tantas outras, similares, não é filosofar?

Caricatura de Ricardo Reis feita por Almada Negreiros.

Em um artigo escrito por volta de 1915 para a revista *A Águia*, mas jamais publicado, Fernando Pessoa afirma: "No sr. Alberto Caeiro toda a inspiração, longe de ser dos sentidos, é da inteligência. Ele, propriamente, não é um poeta. É um metafísico à grega, escrevendo em verso teorizações puramente metafísicas". Afinal, a única realidade indiscutível, para Caeiro, é a da consciência e da linguagem; real verdadeiro, para ele, é o real poético. Para nosso heterônimo-pastor, ao contrário do que ele afirma, a realidade se reduz às imagens, às formas e aos ritmos de sua poesia:

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos.

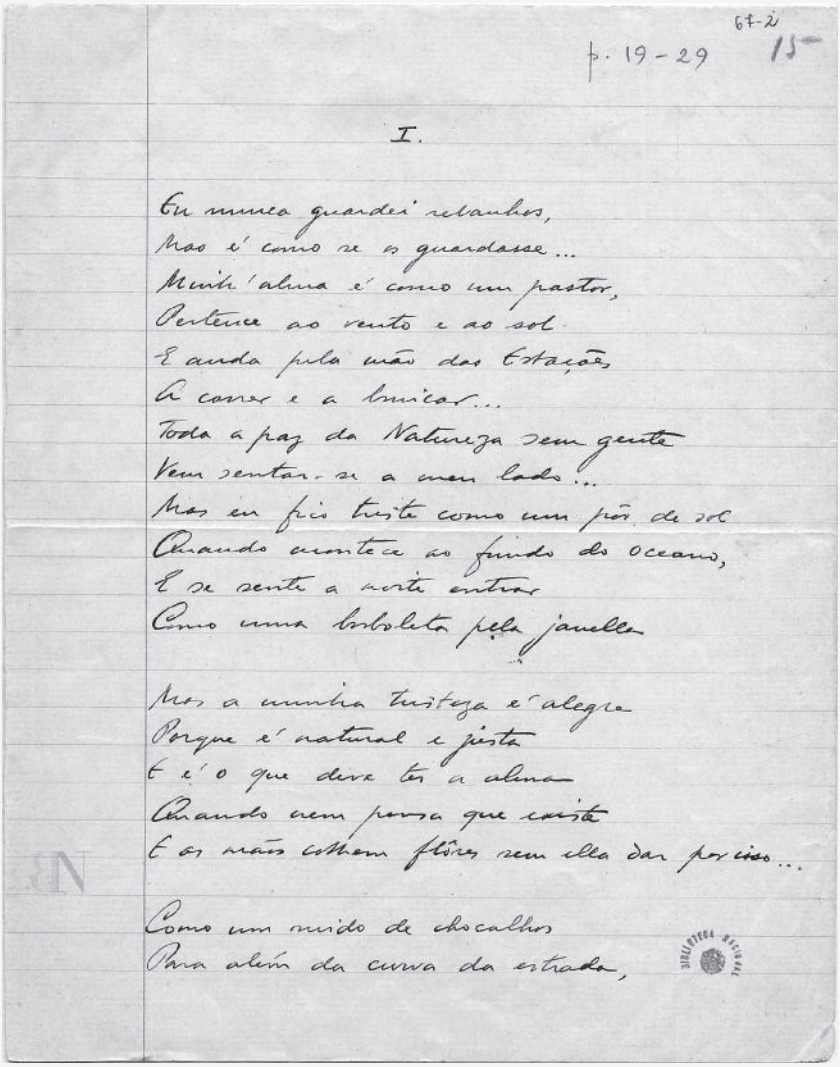
Na verdade, de simples e ingênuo Caeiro só tem a aparência. A primeira impressão que temos dele é que se trata de um indivíduo rude, primitivo, descomplicado — o que é coerente com a imagem exterior de camponês, simples pastor sem instrução, vivendo em contato direto e exclusivo com a natureza, longe do mundo civilizado. Sua linguagem (disfarce engenhoso) confirma isso. Caeiro se expressa, quase sempre, como uma criança inocente, e, como toda criança, vai dizendo coisas espantosamente originais e reveladoras. É que a criança dispõe apenas dos cinco sentidos e utiliza as palavras de forma rudimentar (Caeiro sabe imitar isso muito bem), mostrando que ainda não foi contaminada pelo conhecimento, pela ciência, pela filosofia, pela religião — ou pela cultura, para abranger tudo o que forma a assim chamada civilização. Mas se Caeiro escreve poemas admiravelmente claros e precisos é porque não está nessa condição e, sim, na condição oposta: a do indivíduo que foi além e conseguiu (ou pelo menos imaginou) descontaminar-se.

Ao contrário do que parece, Caeiro não representa o homem primitivo e natural, mas o homem ultracivilizado, na posse plena de sua capacidade de pensar e que, por isso mesmo, chegou à conclusão de que pensar, como habitualmente se faz, mais atrapalha do que ajuda. E poderia ajudar em quê? A viver em paz e harmonia consigo mesmo e com o mundo. Pastor ingênuo seria aquele que não pensa porque ainda não aprendeu a pensar, mas não é esse o caso do nosso heterônimo, que apenas finge ou imagina ser um pastor ingênuo. Ele não declara, logo no primeiro poema: "Eu nunca guardei rebanhos, mas é como se os guardasse"? Isto é, eu não sou um pastor / Mas vou imaginar que sou, a fim de expor a visão de mundo que um pastor teria, se dispusesse dos meios para concebê-la e expressá-la. Caeiro é aquele pastor esperto que, depois de ter pensado o que é possível pensar (e não antes), concluiu que seria melhor deixar de pensar:

Mas isso (tristes de nós que
[trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de
[desaprender.

E eis aí a ideia-chave que faz de Caeiro um "mestre" genuíno. O mestre comum acredita que ensina quando

Manuscrito da primeira página do primeiro poema da série "O guardador de rebanhos".



67-2
p. 19-29 15

I.

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse...
Minha alma é como um pastor,
Pertence ao vento e ao sol
E anda pela mão das Estações,
A correr e a brincar...
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado...
Mas eu fico triste como um pôr do sol
Quando acontece ao fundo do Oceano,
E se sente a noite entrar
Como uma borboleta pela janella

Mas a minha tristeza é alegre
Porque é natural e justa
E é o que deve ter a alma
Quando nem pensa que existe
E os mais colhem flôres sem ella dar por isso...

Como um rumo de chocalhos
Para além da curva da estrada,

entrega ao discípulo um conhecimento pronto, que este absorve e copia, acreditando que aprende. Não é assim com mestre Caeiro, que não transmite nenhum conhecimento; apenas ensina que saber, em sentido pleno, consiste primeiro em aprender e em seguida desaprender. Para jogar tudo fora? Não. O discípulo deve desaprender para então recomeçar, e reaprender tudo de novo; para de fato começar a aprender, agora por sua conta e à sua medida, a fim de adquirir o conhecimento de que for capaz, em vez de ficar apenas reproduzindo os conhecimentos estratificados que o falso mestre pensa que sabe e pensa que ensina. Por isso é que os discípulos de Caeiro — os demais heterônimos — são tão diferentes do mestre e tão diferentes entre si: cada qual aprendeu, a seu modo, a lição suprema de buscar sempre a verdade e não confiar nas aparências ou na falsidade das teorias e das doutrinas.

Caricatura de Ricardo Reis feita por Almada Negreiros.

Caeiro, símbolo

Nossa conclusão é simples: por mais atraente e encantadora que seja a ingenuidade do nosso poeta-pastor, não devemos tomá-la ao pé da letra. Sua "mensagem" não é que todos abandonemos a decadente civilização em que vivemos para nos refugiar no campo. Caeiro não prega nenhuma "volta à natureza", em sentido literal. Isso não passa de ilusão e fantasia, aliás muito antigas. O poeta latino Horácio (65 a.C.-8 a.C.) já dizia, em sua *Arte poética*, que é preciso *fugere urbem* ("fugir da cidade"); por sua vez, o escritor e filósofo iluminista franco-suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) achava que o homem em estado natural, isto é, o selvagem, é bom e puro: a civilização é que o corrompe. E assim por diante. Ao longo dos séculos, de tempos em tempos, acentua-se em grande número de pessoas a sensação de que a sociedade e a civilização construídas pelo homem não passam de um "sistema de

Lisboa e o rio Tejo na época de Fernando Pessoa – e de Alberto Caeiro.

erros", como disse outro poeta, Luís de Camões (1524?--1580). Nesses momentos, reemerge o sonho antigo que consistiria em "fugir da cidade", como queria Horácio, e começar tudo de novo. Não é o que Caeiro propõe. A não ser que entendamos o conjunto de sua poesia em sentido figurado, como uma grande metáfora.

Para isso, será preciso pensar em Alberto Caeiro não como um pastor, em sentido realista, mas como um símbolo — mais do que símbolo, um mito, o do homem absolutamente livre e consciente, dono do próprio destino, perfeitamente identificado consigo mesmo e com o mundo. Utopia, não é mesmo? É possível imaginar um ser humano capaz de toda essa plenitude? Talvez por isso é que Álvaro de Campos declare, no curso do diálogo que vinha travando com o mestre: "Nessa altura senti carnalmente que estava discutindo, não com outro homem, mas com outro universo"[15]. Então, sim, aquela ideia revolucionária da "aprendizagem de desaprender" poderá ser entendida como base da proposta radical de "começar tudo de novo", quer dizer, como uma aposta na liberdade e na consciência, em grau absoluto — única maneira não de esquecer ou abandonar esta perturbada civilização em que vivemos (não dispomos de outra), mas de compreender os seus erros e, se possível, consertá-los. Caeiro, então, com seu "olhar nítido como um girassol", esse olhar que tem, segundo Álvaro de Campos, "qualquer coisa de luminoso e de alto, como o sol sobre as neves dos píncaros inatingíveis", poderá ser convertido em símbolo daquele otimismo superior, segundo o qual o fato de que determinado ideal é comprovadamente impossível não é razão suficiente para deixarmos de persegui-lo. Afinal, caminhar um pouco que seja na direção desse ideal será sempre melhor do que ficar por aí, sem rumo.

De qualquer modo, no fecho desta introdução é preciso lembrar que o leitor não tem aqui uma explicação "completa" de Alberto Caeiro. Longe disso, tem apenas

---

15 Ver na seção "Documentos", na p. 131, o texto "Notas para a recordação do mestre Caeiro".

algumas pistas, que poderão ajudá-lo a compreender os poemas do heterônimo famoso, desde que esteja disposto a ir descobrindo por sua conta uma quantidade de outros temas e ideias, apenas subentendidos ou nem mencionados neste texto — que é para não privar o leitor do gosto da descoberta.

O guardador de rebanhos

NOTA SOBRE O TEXTO

Se acreditarmos no que o poeta confidenciou em carta a seu amigo Adolfo Casais Monteiro*, trinta e tantos dos quase cinquenta poemas que compõem a série "O guardador de rebanhos" foram escritos de um jato só, na mesma noite de 8 de março de 1914. Verdade ou não, isso sugere a impressão de espontaneidade e ausência de premeditação que Pessoa procurou incutir na figura e na obra do autor fictício desses poemas, o heterônimo pastor Alberto Caeiro. O importante é assinalar que Caeiro surgiu já como poeta "pronto" e não como "personagem". Seus dados biográficos e as características gerais de sua personalidade, assim como os poemas restantes (bem mais do que os "trinta e tantos" da primeira fornada), teriam sido produzidos depois, mas logo depois. Conforme ficamos sabendo pelo informe de Ricardo Reis, Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu muito jovem, em 1915. No entanto, entre os inéditos deixados por Fernando Pessoa, há poemas assinados por esse heterônimo que datam de 1919, mas podemos considerar que essa divergência de datas é um pormenor secundário. Pessoa divulgou vários dos poemas de Caeiro em revistas, mas a primeira edição em livro data só de 1946**, mais de dez anos depois da morte do autor.

O fato é que, desde a primeira edição, não existem dúvidas quanto à constituição de "O guardador de rebanhos": 49 poemas, sem títulos, numerados em sequência, em algarismos romanos, pelo poeta. A série forma um todo homogêneo e expõe, de maneira organizada e coesa, o modo de ser e a filosofia de vida do heterônimo Caeiro — uma filosofia paradoxal, já que o aparentemente ingênuo pastor "filosofa contra a filosofia", segundo a avaliação de Jacinto do Prado Coelho***. O texto

---

* Ver na seção "Documentos", na p. 121.

** Ver "Outras edições de Alberto Caeiro", na p. 147.

*** Ver "Indicações de leitura", na p. 137.

que vamos ler se baseia no confronto entre as várias edições existentes, embora não siga estritamente nenhuma delas. A ortografia foi adaptada às normas brasileiras vigentes, em paralelo com o mesmo critério adotado nas edições portuguesas, que não reproduzem a ortografia irregular, utilizada por Pessoa, preferindo adaptá-la às normas atuais.

I

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos.
Ser poeta não é uma ambição minha.
É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes,
Por imaginar, ser cordeirinho

(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
35 A ser muita cousa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos
40 Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
Sinto um cajado nas mãos
E vejo um recorte de mim
No cimo dum outeiro,
45 Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias
Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho,
E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,
50 Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me veem à minha porta
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
55 E que as suas casas tenham
Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predileta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
60 Que sou qualquer cousa natural —
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
65 Com a manga do bibe riscado.

I:35 **cousa:** o mesmo que "coisa". (N.E.)

I:44 **cimo:** a parte de cima, alto, topo (N.E.); **outeiro:** pequena elevação de terreno, colina.

I:52 **diligência:** carruagem de grande porte, de tração animal.

I:63 **baque:** barulho de um corpo quando cai.

I:65 **bibe:** espécie de avental usado pelas crianças para proteger as roupas enquanto brincam.

II

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás…
5 E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem…
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
10 Reparasse que nascera deveras…
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo…

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
15 Porque pensar é não compreender…
O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo.

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos…
20 Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar,
Amar é a eterna inocência,
25 E a única inocência é não pensar…

III

Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.

III:2 **de soslaio:** de lado, obliquamente.

III:4 **Cesário Verde:** José Joaquim Cesário Verde (1855-1886), poeta português do período realista; morreu inédito em livro. Um ano depois de sua morte, sua obra foi reunida em um volume único, intitulado *O livro de Cesário Verde*.

Que pena que tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas pessoas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos…

Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros…

IV

Esta tarde a trovoada caiu
Pelas encostas do céu abaixo
Como um pedregulho enorme…
Como alguém que duma janela alta
Sacode uma toalha de mesa,
E as migalhas, por caírem todas juntas,
Fazem algum barulho ao cair,
A chuva chiou do céu
E enegreceu os caminhos…

Quando os relâmpagos sacudiam o ar
E abanavam o espaço
Como uma grande cabeça que diz que não,
Não sei por que — eu não tinha medo —
Pus-me a querer rezar a Santa Bárbara
Como se eu fosse a velha tia de alguém…

Ah! é que rezando a Santa Bárbara
Eu sentia-me ainda mais simples
Do que julgo que sou…

IV:14 **Santa Bárbara:** virgem e mártir do século VII, protetora contra as trovoadas.

Sentia-me familiar e caseiro
E tendo passado a vida
Tranquilamente, como o muro do quintal;
Tendo ideias e sentimentos por os ter
Como uma flor tem perfume e cor…
Sentia-me alguém que possa acreditar em Santa Bárbara…
Ah, poder crer em Santa Bárbara!

(Quem crê que há Santa Bárbara,
Julgará que ela é gente e visível
Ou que julgará dela?)

(Que artifício! Que sabem
As flores, as árvores, os rebanhos,
De Santa Bárbara?… Um ramo de árvore,
Se pensasse, nunca podia
Construir santos nem anjos…
Poderia julgar que o sol
Alumia, e que a trovoada
É uma quantidade de gente
Zangada por cima de nós…
Ah, como os mais simples dos homens
São doentes e confusos e estúpidos
Ao pé da clara simplicidade
E saúde em existir
Das árvores e das plantas!)

E eu, pensando em tudo isto,
Fiquei outra vez menos feliz…
Fiquei sombrio e adoecido e soturno
Como um dia em que todo o dia a trovoada ameaça
E nem sequer de noite chega…

V

Há metafísica bastante em não pensar em nada.
O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

"Constituição íntima das cousas"…
"Sentido íntimo do universo"…
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em cousas dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores
Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentado, é como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, *Aqui estou*!

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)
Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e o sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?),
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.

VI

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou…
Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores são árvores
E como os regatos são regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos…
E não nos dará mais nada, porque dar-nos mais seria tirar-nos mais.

VII

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do universo…
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura…

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

VIII

Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.

VI:5 **regato:** corrente de água de pouco volume e extensão, riacho, córrego. (N.E.)

VII:5 **mais pequena:** expressão gramaticalmente correta, embora no Brasil a preferência seja por "menor".

Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da trindade.
No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas —
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.
Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!
Um dia que Deus estava a dormir

VIII:7 **deitar fora:** largar, abandonar.

VIII:11 **segunda pessoa da trindade**: referência ao dogma católico da Santíssima Trindade, formada por Pai, Filho e Espírito Santo.

VIII:20 **Como os pretos nas ilustrações:** a ideia é que Cristo foi tão humilhado quanto os negros escravos, maltrapilhos, assim retratados nos quadros e gravuras.

VIII:29 **não tinha amado:** Caeiro se refere ao dogma católico da virgindade de Maria.

E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.

Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão

VIII:55 **rapariga:** mulher na fase adolescente, jovem, moça. (N.E.)
VIII:56 **rancho:** grupos de pessoas, bando.
VIII:57 **bilha:** vaso bojudo e de gargalo estreito.

E a dizer indecências.
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.
E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.
Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou —
"Se é que ele as criou, do que duvido" —
"Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
Mas os seres não cantam nada.
Se cantassem seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres."

E depois, cansado de dizer mal de Deus,
O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.

.....

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina
É esta minha cotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,

Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das coisas só dos homens
E ele sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol

VIII:116 **cinco pedrinhas:** jogo infantil que consiste em espalhar cinco pedras no chão, pegar uma, jogá-la para o ar e recolhê-la na palma da mão; em seguida (sem se desfazer da primeira), pegar uma segunda pedra, jogá-la para o ar e recolhê-la na mão, junto com a outra, sem deixar nenhuma cair, e assim por diante. Ganha quem conseguir recolher as cinco pedras.

A variar os montes e os vales
E a fazer doer aos olhos os muros caiados.
Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.

Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.

.....

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

.....

Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?

IX

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

X

"Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?"

"Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?"

"Muita cousa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras cousas.
De memórias e de saudades
E de cousas que nunca foram."
"Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti."

XI

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem…

Para que é preciso ter um piano?
5 O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza.

XII

Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras cousas
E cantavam de amor literariamente
(Dizem — eu nunca li Virgílio.
Para que o havia eu de ler?).

5 Mas os pastores de Virgílio, coitados, são Virgílio,
E a Natureza é bela e antiga.

XIII

Leve, leve, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso
5 Nem procuro sabê-lo.

XIV

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
5 Porque me falta a simplicidade natural
De ser todo só o meu exterior.

XII:1 **Virgílio:** Publius Vergilius Maro (70-19 a.C.), poeta latino, autor da *Eneida*, poema épico, e das *Bucólicas*, poesia pastoril; **avena:** flauta antiga.

Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado
E a minha poesia é natural como o levantar-se vento…

XV

As quatro canções que seguem
Separam-se de tudo o que penso,
Mentem a tudo o que eu sinto,
São do contrário do que eu sou…

Escrevi-as estando doente
E por isso elas são naturais
E concordam com aquilo que sinto,
Concordam com aquilo com que não concordam…
Estando doente devo pensar o contrário
Do que penso quando estou são
(Senão não estaria doente),
Devo sentir o contrário do que sinto
Quando sou eu na saúde,
Devo mentir à minha natureza
De criatura que sente de certa maneira…
Devo ser todo doente — ideias e tudo.
Quando estou doente, não estou doente para outra cousa.

Por isso essas canções que me renegam
Não são capazes de me renegar
E são a paisagem da minha alma de noite,
A mesma ao contrário…

XVI

Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois
Que vem a chiar, manhaninha cedo, pela estrada,
E que para de onde vem volta depois,
Quase à noitinha pela mesma estrada.

XIV:9 **o levantar-se vento:** o vento começar a soprar.

XV:13 **na saúde:** com saúde.

Eu não tinha que ter esperanças — tinha só que ter rodas…
A minha velhice não tinha rugas nem cabelos brancos…
Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas
E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco.

Ou então faziam de mim qualquer coisa diferente
E eu não sabia nada do que de mim faziam…
Mas eu não sou um carro, sou diferente,
Mas em que sou realmente diferente nunca me diriam.

XVII

No meu prato que mistura de Natureza!
As minhas irmãs, as plantas,
As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza…
E cortam-nas e vêm à nossa mesa
E nos hotéis os hóspedes ruidosos,
Que chegam com correias tendo mantas,
Pedem "salada", descuidosos…

Sem pensar que exigem à Terra-Mãe
A sua frescura e os seus filhos primeiros,
As primeiras verdes palavras que ela tem,
As primeiras cousas vivas e irisantes
Que Noé viu
Quando as águas desceram e o cimo dos montes
Verde e alagado surgiu
E no ar por onde a pomba apareceu
O arco-íris se esbateu…

XVIII

Quem me dera que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando…

XVII:7 **correias [...] mantas:** aparatos e vestimentas dos hóspedes dos hotéis – para sugerir pessoas ruidosas, posudas.

XVII:12 **irisantes:** brilhantes, cintilantes.

XVII:17 **esbater-se:** sobressair-se, pelo contraste claro-escuro.

Quem me dera que eu fosse os rios que correm
E as lavadeiras estivessem à minha beira…

Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio
E tivesse só o céu por cima e a água por baixo…

Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse…

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena…

XIX

O luar quando bate na relva
Não sei que cousas me lembra…
Lembra-me a voz da criada velha
Contando-me contos de fadas
E de como Nossa Senhora vestida de mendiga
Andava à noite nas estradas
Socorrendo as crianças maltratadas…

Se eu já não posso crer que isso é verdade,
Para que bate o luar na relva?

XVIII:5 **choupo:** árvore da família das salicáceas, que cresce nas regiões temperadas e úmidas.

XVIII:7 **moleiro:** indivíduo que trabalha em moinho.

COMENTÁRIO CRÍTICO*

No poema de número XV, Caeiro adverte: "As quatro canções que seguem / Separam-se de tudo o que eu penso, / Mentem a tudo o que eu sinto, / São do contrário do que eu sou... / / Escrevi-as estando doente / E por isso elas são naturais". Essas quatro "canções" (os poemas XVI-XIX) de fato contradizem algumas das verdades em que o poeta-pastor firmemente acredita, antes e depois desse momento de desvio, associado à doença. Os poemas XVI e XVIII têm em comum a expressão "quem me dera", clara manifestação de um desejo que denuncia sua insatisfação com a vida. Na sequência, somando-se esses dois poemas, ele diz que queria ser "um carro de bois", "o pó da estrada", "os rios que correm", "os choupos à margem do rio" e "o burro do moleiro". Caeiro demonstra, em suma, que não está satisfeito com o que é e que gostaria de ser outra coisa.

Podemos dizer que o denominador comum a esses cinco desejos, do "carro de bois" ao "burro do moleiro", é a libertação da condição humana, substituída pela inconsciência. Em seu conjunto, os dois poemas negam a afirmação capital, que aparece logo no início da série: "Não tenho ambições nem desejos". Por isso, no poema XV ele antecipa a justificativa, afirmando que isso só aconteceu porque, ao escrever esses quatro poemas, ele estava "doente". É claro que "doença", aí, tem sentido figurado: não é doença do corpo, mas do espírito, que por um momento vacila, perde o contato com a realidade e se entrega ao devaneio e à fantasia.

Se o que temos nos poemas XVI e XVIII é manifestação de desejo, no XVII e no XIX o devaneio se acentua. Em vez de simplesmente aceitar (como ele diz tantas vezes, de variadas formas) que as plantas são apenas plantas, Caeiro agora as considera "irmãs", se enternece com elas, atribui-lhes sentimentos humanos e depois voa longe, associando o devaneio ao patriarca Noé e à primeira pomba que apareceu depois do Dilúvio... Compare isso com o que ele afirma, por exemplo, no 35º dos "Poemas inconjuntos": "Digo da planta, 'é uma planta', / Digo de mim, 'sou eu'. / E não digo mais nada. Que mais há a dizer?". Já no último desses quatro poemas que ele escreveu "estando doente", a associação é ainda mais livre e mais afastada da realidade: ele olha o luar que bate na relva e isso lhe lembra a criada velha, os contos de fadas, Nossa Senhora mendiga, crianças maltratadas... Pura fantasia, negação de tudo em que Caeiro acredita.

---

* Abrange os poemas de XV a XIX.

Mas antes que o leitor possa até sentir algum orgulho em apontar as suas contradições, ele não só se antecipa com a justificativa da "doença", como explica: "Escrevi-as estando doente / E por isso elas são naturais". Isto é, saúde e doença é lógico que não se confundem, são estados bem diferentes, mas ambas fazem parte da natureza, ambas são perfeitamente naturais. A explicação destaca o que mais importa, a naturalidade, e não a contradição ou a não contradição. Não natural seria justamente o princípio da não contradição, ou a ilusão de jamais se contradizer. Não é o que o preocupa. Sua preocupação maior é ser sempre natural, ainda que isso o obrigue, de vez em quando, a se contradizer.

No poema de número V, ele já alertara: "O que penso eu do mundo? / Sei lá o que penso do mundo. / Se eu adoecesse pensaria nisso". Então, aí está: nessas quatro "canções" o poeta adoeceu. Mas ele já havia prevenido sobre o que poderia acontecer... Por isso ele agora afirma, com tranquilidade, que esses mesmos poemas "Concordam com aquilo com que não concordam". Vale dizer: não concordam porque contêm contradições, mas ao mesmo tempo concordam, porque isso é natural. O que parecia mero jogo de palavras passa a fazer sentido. Assim como fica muito claro, também, o que ele quer dizer com: "essas canções que me renegam / Não são capazes de me renegar".

XX

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

XXI

Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar,
E se a terra fosse uma cousa para trincar
Seria mais feliz um momento…
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz
Para se poder ser natural…

XX:1 **Tejo:** rio da península Ibérica, nasce na Espanha, corta Lisboa, em Portugal, e deságua no oceano Atlântico.

Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se.
Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva…

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica…
Assim é e assim seja…

XXII

Como quem num dia de Verão abre a porta de casa
E espreita para o calor dos campos com a cara toda,
Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa
Na cara dos meus sentidos,
E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber
Não sei bem como nem o quê…

Mas quem me mandou a mim querer perceber?
Quem me disse que havia que perceber?
Quando o Verão nos passa pela cara
A mão leve e quente da sua brisa,
Só tenho que sentir agrado porque é brisa
Ou que sentir desagrado porque é quente,
E de qualquer maneira que eu o sinta,
Assim, porque assim o sinto, é que é meu dever senti-lo…

XXIII

O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo,
Porque não interroga nem se espanta…

XXII:3 **de chapa:** em frente, em cheio.

Se eu interrogasse e me espantasse
Não nasciam flores novas nos prados
Nem mudaria qualquer cousa no sol de modo a ele ficar mais belo.
(Mesmo se nascessem flores novas no prado
E se o sol mudasse para mais belo,
Eu sentiria menos flores no prado
E achava mais feio o sol…
Porque tudo é como é e assim é que é,
E eu aceito, e nem agradeço,
Para não parecer que penso nisso…)

XXIV

O que nós vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

XXV

As bolas de sabão que esta criança
Se entretém a largar de uma palhinha
São translucidamente uma filosofia toda.

XXV:3 **translúcido:** transparente, claro.

Claras, inúteis e passageiras como a Natureza,
Amigas dos olhos como as cousas,
São aquilo que são
Com uma precisão redondinha e aérea,
E ninguém, nem mesmo a criança que as deixa,
Pretende que elas são mais do que parecem ser.

Algumas mal se veem no ar lúcido.
São como a brisa que passa e mal toca nas flores
E que só sabemos que passa
Porque qualquer cousa se aligeira em nós
E aceita tudo mais nitidamente.

XXVI

Às vezes, em dias de luz perfeita e exata,
Em que as cousas têm toda a realidade que podem ter,
Pergunto a mim próprio devagar
Por que sequer atribuo eu Beleza às cousas.

Uma flor acaso tem beleza?
Tem beleza acaso um fruto?
Não: têm cor e forma
E existência apenas.
A beleza é o nome de qualquer cousa que não existe
Que eu dou às cousas em troca do agrado que me dão.
Não significa nada.
Então por que digo eu das cousas: são belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens
Perante as cousas,
Perante as cousas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!

XXV:13 **aligeirar-se:** tornar-se mais leve, sereno.

XXVII

Só a Natureza é divina, e ela não é divina…

Se às vezes falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens
Que dá personalidade às cousas,
E impõe nome às cousas.

Mas as cousas não têm nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande e a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado…
Bendito seja eu por tudo quanto não sei.
É isso tudo que verdadeiramente sou.
Gozo tudo isso como quem sabe que há o sol.

XXVIII

Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas as flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.

Graças a Deus que as pedras são só pedras,
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza.

XXIX

Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
Do que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.

Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.
Por isso quando pareço não concordar comigo,
Reparem bem para mim:
Se estava virado para a direita,
Voltei-me agora para a esquerda,
Mas sou sempre eu, assente sobre os mesmos pés —
O mesmo sempre, graças ao céu e à terra
E aos meus olhos e ouvidos atentos
E à minha clara simplicidade de alma…

XXX

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.
Sou místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa.

O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.
Não sei o que é a Natureza: canto-a.

XXVIII:21 **prosa:** Caeiro chama ironicamente seus versos de "prosa" referindo-se à sua aparente simplicidade.

Vivo no cimo dum outeiro
Numa casa caiada e sozinha,
E essa é a minha definição.

XXXI

Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam,
Não é porque eu julgue que há sorrisos nas flores
E cantos no correr dos rios…

É porque assim faço mais sentir aos homens falsos
A existência verdadeiramente real das flores e dos rios.

Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes
À sua estupidez de sentidos…
Não concordo comigo mas absolvo-me
Porque não me aceito a sério,
Porque só sou essa cousa odiosa, um intérprete da Natureza,
Porque há homens que não percebem a sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma…

XXXII

Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.

E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
O ódio que ele sentia, e a compaixão
Que ele dizia que sentia.

(Mas eu mal o estava ouvindo.
Que me importam a mim os homens

E o que sofrem ou supõem que sofrem?
Sejam como eu — não sofrerão.
Todo o mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros,
Quer para fazer bem, quer para fazer mal.
A nossa alma e o céu e a terra bastam-nos.
Querer mais é perder isto, e ser infeliz.)

Eu no que estava pensando
Quando o amigo de gente falava
(E isso me comoveu até às lágrimas),
Era em como o murmúrio longínquo dos chocalhos
A esse entardecer
Não parecia os sinos duma capela pequenina
A que fossem à missa as flores e os regatos
E as almas simples como a minha.

(Louvado seja Deus que não sou bom,
E tenho o egoísmo natural das flores
E dos rios que seguem o seu caminho
Preocupados sem o saber
Só com florir e ir correndo.
É essa a única missão no mundo,
Essa — existir claramente,
E saber fazê-lo sem pensar nisso.)

E o homem calara-se, olhando o poente.
Mas que tem com o poente quem odeia e ama?

XXXIII

Pobres das flores nos canteiros dos jardins regulares.
Parecem ter medo da polícia…
Mas tão boas que florescem do mesmo modo
E têm o mesmo sorriso antigo
Que tiveram à solta para o primeiro olhar do primeiro homem
Que as viu aparecidas e lhes tocou levemente
Para ver se elas falavam…

XXXIV

Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer cousa
Que tem que ver com haver gente que pensa…

Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me cousas…
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente…

Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela tivesse, seria gente;
E se fosse gente, teria feitio de gente, não era a terra.
Mas que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas cousas,
Deixava de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos…
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.

XXXV

O luar através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.

XXXVI

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!…

Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro
E ver se está bem, e tirar se não está!…
Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre boa e é sempre a mesma.

Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa,
E olho para as flores e sorrio…
Não sei se elas me compreendem
Nem se eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao colo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante para adormecermos,
E não termos sonhos no nosso sono.

XXXVII

Como um grande borrão de fogo sujo
O sol-posto demora-se nas nuvens que ficam.
Vem um silvo vago de longe na tarde muito calma.
Deve ser dum comboio longínquo.

Neste momento vem-me uma vaga saudade
E um vago desejo plácido
Que aparece e desaparece.

XXXVII:2 **sol-posto:** o sol poente, o pôr do sol.
XXXVII:3 **silvo:** apito.
XXXVII:4 **comboio:** trem.
XXXVII:6 **plácido:** tranquilo, sereno.

Também às vezes, à flor dos ribeiros,
Formam-se bolhas na água
Que nascem e se desmancham
E não têm sentido nenhum
Salvo serem bolhas de água
Que nascem e se desmancham.

XXXVIII

Bendito seja o mesmo sol de outras terras
Que faz meus irmãos todos os homens,
Porque todos os homens, um momento no dia, o olham como eu,
E nesse puro momento
Todo limpo e sensível
Regressam lacrimosamente
E com um suspiro que mal sentem
Ao Homem verdadeiro e primitivo
Que via o sol nascer e ainda o não adorava.
Porque isso é natural — mais natural
Que adorar o sol e depois Deus
E depois tudo o mais que não há.

XXXIX

O mistério das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.

Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum.
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,

XXXVII:8 **ribeiro**: riacho, regato.

Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.

XL

Passa uma borboleta por diante de mim
E pela primeira vez no universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.

XLI

No entardecer dos dias de Verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa…
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria…

Ah, os nossos sentidos, os doentes que veem e ouvem!
Fossemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão…
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos…

Mas graças a Deus que há imperfeição no mundo
Porque a imperfeição é uma cousa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o mundo engraçado.

Se não houvesse imperfeição, havia uma cousa a menos,
E deve haver muita cousa
Para termos muito que ver e ouvir
(Enquanto os olhos e ouvidos se não fecham)…

XLII

Passou a diligência pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.
Assim é a ação humana pelo mundo fora.
Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias.

XLIII

Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto,
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
A ave passa e esquece, e assim deve ser.
O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
Mostra que já esteve, o que não serve para nada.

A recordação é uma traição à Natureza,
Porque a Natureza de ontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.

Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!

XLIV

Acordo de noite subitamente,
E o meu relógio ocupa a noite toda.
Não sinto a Natureza lá fora.
O meu quarto é uma cousa escura com paredes vagamente brancas.
Lá fora há um sossego como se nada existisse.
Só o relógio prossegue o seu ruído.
E esta pequena cousa de engrenagens que está em cima da minha mesa
Abafa toda a existência da terra e do céu…

XLIII:1 **rasto:** o mesmo que "rastro"; pegada, vestígio deixado por animal ou pessoa no seu caminho. (N.E.)

Quase que me perco a pensar o que isto significa,
Mas estaco, e sinto-me sorrir na noite com os cantos da boca,
Porque a única cousa que o meu relógio simboliza ou significa
Enchendo com a sua pequenez a noite enorme
É a curiosa sensação de encher a noite enorme,
E esta sensação é curiosa porque só para mim é que ele enche a noite
Com a sua pequenez.

XLV

Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta.
Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.
Renque e o plural árvores não são cousas, são nomes.

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de cousa a cousa,
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!

XLVI

Deste modo ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma cousa feita de gestos,
Como se escrever fosse uma cousa que me acontecesse
Como dar-me o sol de fora.

Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.

XLV:1 **renque:** fileira.

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer
como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele próprio.

Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer
E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe veem as pontas dos dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos.

XLVI:16 **fato:** traje masculino, terno.

XLVI:31 **Argonauta:** cada um dos marinheiros lendários gregos que embarcaram na nau Argo em busca do véu de ouro.

XLVII

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

XLVIII

Da mais alta janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a humanidade.

E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos
Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como que na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.
Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar triste.

Ide, ide de mim!
Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.
Passo e fico, como o Universo.

XLIX

Meto-me para dentro, e fecho a janela.
Trazem o candeeiro e dão as boas-noites,
E a minha voz contente dá as boas-noites.
Oxalá a minha vida seja sempre isto:
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,
Ou tempestuoso como se acabasse o mundo,
A tarde suave e os ranchos que passam
Fitados com interesse da janela,
O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,
E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,
Sem ler nada, nem pensar em nada, nem dormir,
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito,
E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.

O pastor amoroso

NOTA SOBRE O TEXTO

Os dois primeiros poemas que formam a série muito breve intitulada "O pastor amoroso" foram publicados por Fernando Pessoa na revista *Presença*, em 1932. Os seis restantes permaneceram inéditos até muito depois de sua morte, sendo mais tarde incorporados à série, ordenados cronologicamente e numerados na sequência, em algarismos romanos, embora os originais não tivessem números. Nesta edição, foram mantidos os algarismos romanos, em consonância com as outras duas seções, mas optou-se pela sequência temática (de responsabilidade do organizador), já que não dispomos da cronologia.

O ponto importante a frisar é que esses oito poemas revelam uma faceta inesperada do heterônimo pastor: neles Caeiro se entrega, embora moderadamente, à fantasia devaneante e sonhadora, contrariando a base da sua filosofia (melhor seria dizer: da sua antifilosofia), que consiste, como vimos, em olhar para as coisas, simplesmente, e não pensar nelas — ainda que tenhamos visto, também, que isso não traduz toda a verdade. O que temos então, nesses poemas de devaneio amoroso, é mais uma evidência da genialidade do poeta.

Se não fosse a exceção representada por esses poemas, o leitor julgaria que Alberto Caeiro é um ser inexplicavelmente coerente, sempre igual a si mesmo, como um autômato; alguém, em suma, cuja consciência se comporta como um teorema ou um relógio, causando a impressão de artificialidade, excesso de racionalismo. Pessoa então inventou, para a vida e a obra do heterônimo, o que podemos encarar como um momento de "fraqueza", ao qual se aplicaria o mesmo argumento exposto no poema XV de "O guardador de rebanhos": "Estando doente devo pensar o contrário / Do que penso quando estou são". O resultado é Caeiro se oferecer a seus leitores como alguém que, naturalmente, também erra e se contradiz, isto é, como um ser humano comum, semelhante a qualquer um de

nós. E o pastor enamorado mostra ter plena consciência desse "erro" e dessa "fraqueza", o que torna ainda mais convincente a sua (anti)filosofia, que prevalece e perdura, antes e depois da experiência amorosa — exatamente por enfatizar a verdade humana dessa experiência.

I

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo…
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima.
Sinto melhor os rios sem vê-los, quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor…
Tu não me tiraste a Natureza…
Tu não me mudaste a Natureza…
Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim.
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as cousas.

Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.
Só me arrependo de outrora te não ter amado.

II

Está alta no céu a lua e é primavera.
Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.
Penso em ti, murmuro o teu nome; não sou eu: sou feliz.

Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelos campos,
E eu andarei contigo pelos campos a ver-te colher flores.
Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,
Mas quando vieres amanhã e andares comigo realmente a colher flores,
Isso será uma alegria e uma novidade para mim.

III

Agora que sinto amor
Tenho interesse nos perfumes.
Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro.
Agora sinto o perfume das flores como se houvesse uma coisa nova.
Sei bem que elas cheiravam, como sei que existia.
São coisas que se sabem por fora.
Mas agora sei com a respiração da parte de trás da cabeça.
Hoje as flores sabem-me bem num paladar que se cheira.
Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver.

IV

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.
Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava.
Tenho alegria e pena porque perco o que sonho
E posso estar na realidade onde está o que sonho.
Não sei o que hei de fazer das minhas sensações,
Não sei o que hei de ser comigo.
Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

Quem ama é diferente de quem é.
É a mesma pessoa sem ninguém.

V

O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.
Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.
Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.
Todo eu sou qualquer força que me abandona.
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.

VI

Passei toda a noite, sem saber dormir, vendo sem espaço a figura dela
E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a ela.
Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me fala,
E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança.
Amar é pensar.
E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.
Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela.
Tenho uma grande distração animada.
Quando desejo encontrá-la,
Quase que prefiro não a encontrar,
Para não ter que a deixar depois.
E prefiro pensar dela, porque dela como é tenho qualquer medo.
Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero.
Quero só pensar ela.
Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.

VII

Talvez quem vê bem não sirva para sentir
E não agrade por estar muito antes das maneiras.
É preciso ter modos para todas as cousas,
E cada cousa tem o seu modo, e o amor também.
Quem tem o modo de ver os campos pelas ervas
Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir.
Amei, e não fui amado, o que só vi no fim,
Porque não se é amado como se nasce mas como acontece.
Ela continua tão bonita de cabelo e boca como dantes,
E eu continuo como era dantes, sozinho no campo.
Como se tivesse estado de cabeça baixa,
Penso isto, e fico de cabeça alta
E o dourado sol queima a vontade das lágrimas que não posso
deixar de ter.
Como o campo é grande e o amor pequeno!
Olho, e esqueço, como a água seca e as árvores se despem.

Eu não sei falar porque estou a sentir.
Estou a escutar a minha voz como se fosse de outra pessoa,

E a minha voz fala dela como se ela é que falasse.
Tem o cabelo de um louro amarelo de trigo ao sol claro,
E a boca quando fala diz cousas que não há nas palavras.
Sorri, e os dentes são limpos como pedras do rio.

VIII

O pastor amoroso perdeu o cajado,
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.
Ninguém lhe apareceu ou desapareceu… Nunca mais encontrou o cajado.
Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.
Ninguém o tinha amado, afinal.
Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
Os grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre,
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,
A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem,
E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.

VIII:1 **cajado:** vara de pastor, bordão.

VIII:2 **tresmalhar-se:** espalhar-se, dispersar-se.

COMENTÁRIO CRÍTICO

O primeiro poema da série levanta a questão dos sentimentos, ou da atitude sentimental diante das coisas: "Sinto melhor os rios sem vê-los". Isso quer dizer que a experiência amorosa, carregada de afetividade, leva a transferir para a Natureza (os rios, nesse caso) o vínculo sentimental que une o pastor-poeta à pessoa amada e, em seguida, o ato de sentir substitui o ato de ver, sugerindo que para sentir é preciso não ver. Para quem está apaixonado, e sente "melhor os rios sem vê-los", é claro que a Natureza não deixa de existir, mas já não é entendida como independente do sujeito, adquirindo valor subjetivo. "Tu não me tiraste a Natureza", ele diz, dirigindo-se à mulher amada; "Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim". É como se a Natureza passasse a existir em função do sujeito, negando-se aí o que o poeta afirma no décimo dos "Poemas inconjuntos" (dirigindo-se a uma estrela): "A tua grandeza está em existires inteiramente fora de mim".

Antes (e depois) do episódio, Caeiro afirma, de variadas maneiras, que o mundo aí está para ser visto e não para ser pensado; que as coisas têm forma, cheiro, cor, etc., mas não têm "significado"; e que, portanto, pensar nas coisas, à procura de um significado para elas, é o mesmo que "estar doente dos olhos". Além disso, sentir a Natureza mais perto de si equivale a atribuir a ela um significado que não lhe pertence e só existe em razão do sentimentalismo da mente apaixonada.

Mas, se é assim, toda essa contradição acaba servindo para demonstrar a inteira procedência do pensamento que o pastor-poeta expõe e defende, antes e depois do episódio. Para quem estiver apaixonado (é o que ele sugere), o melhor será esquecer a realidade, a objetividade, a verdade: a pessoa apaixonada só enxergará o que os sentimentos quiserem. E achará isso preferível a ficar atento e ver como as coisas de fato são. Afinal, o pastor amoroso é sem dúvida contraditório, mas perfeitamente coerente com o sentido geral da obra toda de Caeiro.

Por isso não nos deve impressionar sua adesão ao subjetivismo, como no segundo poema: "Penso em ti e dentro de mim estou completo". É que, estando apaixonado (e só por isso), ele mergulha no seu mundo interior, viaja, "esquece" que continua a existir a Natureza aí fora e então se sente completo, em si e para si. Repare como esse subjetivismo o leva a "esquecer", também, a realidade presente (a única à qual ele acha legítimo se apegar, antes e depois), para se entregar à fantasia de projetar o futuro:

> Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelos campos,
> E eu andarei contigo pelos campos a ver-te colher flores.

No final desse mesmo poema, porém, ciente da contradição, ele corrige um pouco a fantasia sentimental e acrescenta que amanhã, quando isso "realmente" acontecer, tudo será uma "novidade" para ele — retomando a ideia (exposta no segundo poema da série "O guardador de rebanhos") de que ele se sente "nascido a cada momento / Para a eterna novidade do mundo". É como se ele alertasse: para quem está apaixonado, não há novidade no mundo; tudo é sempre igual, repleto de beleza e otimismo... enquanto a paixão durar.

No caso, durou pouco (foram só oito poemas), mas o leitor já deve ter reparado na riqueza dos temas e reflexões aí contidos, e na beleza das várias e originais "definições", como aquela do quinto poema: "Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio". Alguém conhece uma definição melhor para "estar apaixonado"?

No final, já começando a voltar a ser o que era, o pastor amoroso reflete: "Talvez quem vê bem", como é justamente o seu caso, "não sirva para sentir". E no último poema (referindo-se curiosamente a si mesmo em terceira pessoa), Caeiro conclui:

> Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
> [...]
> E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.

Poemas inconjuntos

NOTA SOBRE O TEXTO

A primeira edição, em livro, da poesia de Alberto Caeiro, datada de 1946*, contém apenas duas séries: "O guardador de rebanhos" e "Poemas inconjuntos", sendo esta última constituída por somente 38 dos quase setenta poemas que viriam a constituir a série integral. Entre aqueles 38 figuravam seis poemas que mais tarde passaram a fazer parte de "O pastor amoroso", série até então desconhecida. Ao contrário de "O guardador de rebanhos", os "Poemas inconjuntos" não formam uma sequência ordenada — os poemas não foram sequer numerados pelo autor. Tal como acontece com outras partes da obra de Fernando Pessoa, esses poemas não chegaram a ser organizados de forma definitiva e vários foram deixados inacabados. No tocante à ordenação dos poemas, as edições existentes alternam entre a sequência cronológica, aplicável aos poemas datados, e a ordem alfabética dos primeiros versos, para os poemas sem data.

O que vamos ler em seguida resulta do confronto entre as várias edições, mas aqui se optou por conciliar a cronologia com uma possível sequência de temas e motivos. Acompanhando o formato das outras séries, os "Poemas inconjuntos" foram então numerados, em algarismos romanos entre colchetes (parênteses retos), a fim de deixar claro que essa numeração não faz parte dos originais. Não foram incluídos poemas de "autoria" ou leitura duvidosa ou que apresentassem lacunas. Tal ordenação, já que as derradeiras intenções do poeta são até hoje desconhecidas, no que se refere a esse aspecto, pretende sugerir que esses poemas talvez não sejam tão "inconjuntos" como parecem, ao mesmo tempo que torna o texto mais acessível ao usuário desta edição (que não se destina a

* Ver "Outras edições de Alberto Caeiro", na p. 147.

especialistas), propiciando-lhe uma leitura mais fluente e proveitosa. A ortografia, tal como no restante do volume, foi adaptada às normas brasileiras em vigor**.

** Ver "Nota sobre o texto" que antecede os poemas de "O guardador de rebanhos", na p. 33.

[I]

Para além da curva da estrada
Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
E talvez apenas a continuação da estrada.
Não sei nem pergunto.
Enquanto vou na estrada antes da curva
Só olho para a estrada antes da curva,
Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.
De nada me serviria estar olhando para outro lado
E para aquilo que não vejo.
Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte qualquer.
Se há alguém para além da curva da estrada,
Esses que se preocupem com o que há para além da curva da estrada.
Essa é que é a estrada para eles.
Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.
Por ora só sabemos que lá não estamos.
Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva
Há a estrada sem curva nenhuma.

[II]

Nunca sei como é que se pode achar um poente triste.
Só se é por um poente não ser uma madrugada.
Mas se ele é um poente, como é que ele havia de ser uma madrugada?

[III]

Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol.
Ambos existem, cada um como é.

[IV]

A manhã raia. Não: a manhã não raia.
A manhã é uma cousa abstrata, está, não é uma cousa.
Começamos a ver o sol, a esta hora, aqui.
Se o sol matutino dando nas árvores é belo,
É tão belo se chamarmos à manhã "começarmos a ver o sol"

Como o é se lhe chamarmos a manhã;
Por isso não há vantagem em pôr nomes errados às cousas,
Nem mesmo em lhes pôr nomes alguns.

[V]

De longe vejo passar no rio um navio…
Vai Tejo abaixo indiferentemente.
Mas não é indiferentemente por não se importar comigo
E eu não exprimir desolação com isto…
É indiferentemente por não ter sentido nenhum
Exterior ao fato isoladamente navio
De ir rio abaixo sem licença da metafísica…
Rio abaixo até à realidade do mar.

[VI]

A noite desce, o calor soçobra um pouco.
Estou lúcido como se nunca tivesse pensado
E tivesse raiz, ligação direta com a terra,
Não esta espúria ligação do sentido secundário chamado a vista,
A vista por onde me separo das cousas,
E me aproximo das estrelas e das cousas distantes —
Erro: porque o distante não é o próximo,
E aproximá-lo é enganar-se.

[VII]

Quando está frio no tempo do frio, para mim é como se estivesse agradável,
Porque para o meu ser adequado à existência das cousas
O natural é o agradável só por ser natural.
Aceito as dificuldades da vida porque são o destino,
Como aceito o frio excessivo no alto do inverno
Calmamente, sem me queixar, como quem meramente aceita,
E encontra uma alegria no fato de aceitar

VI:1 **soçobrar:** reduzir-se, amainar.
VI:4 **espúria:** não genuína, ilegítima.

No fato sublimemente científico e difícil de aceitar o natural inevitável.
Que são para mim as doenças que tenho e o mal que me acontece
Senão o inverno da minha pessoa e da minha vida?
O inverno irregular, cujas leis de aparecimento desconheço,
Mas que existe para mim em virtude da mesma fatalidade sublime,
Da mesma inevitável exterioridade a mim,
Que o calor da terra no alto do verão
E o frio da terra no cimo do inverno.
Aceito por personalidade.
Nasci sujeito como os outros a erros e a defeitos,
Mas nunca ao erro de querer compreender demais,
Nunca ao erro de querer compreender só com a inteligência,
Nunca ao defeito de exigir do mundo
Que fosse qualquer cousa que não fosse o mundo.

[VIII]

Navio que partes para longe,
Por que é que, ao contrário dos outros,
Não fico, depois de desapareceres, com saudades de ti?
Porque quando te não vejo, deixaste de existir.
E se se tem saudades do que não existe,
Sente-se em relação a cousa nenhuma;
Não é do navio, é de nós, que sentimos saudades.

[IX]

Pouco a pouco o campo se alarga e se doura.
A manhã extravia-se pelos irregulares da planície.
Sou alheio ao espetáculo que vejo: vejo-o.
É exterior a mim. Nenhum sentimento me liga a ele,
E é esse o sentimento que me liga à manhã que aparece.

[X]

Última estrela a desaparecer antes do dia,
Pouso no teu trêmulo azular branco os meus olhos calmos,
E vejo-te independentemente de mim,
Alegre pela vitória que tenho em poder ver-te

Sem "estado de alma" nenhum, salvo ver-te.
A tua beleza para mim está em existires.
A tua grandeza está em existires inteiramente fora de mim.

[XI]

A água chia no púcaro que elevo à boca.
"É um som fresco" diz-me quem me dá a bebê-la.
Sorrio. O som é só um som de chiar.
Bebo a água sem ouvir nada na minha garganta.

[XII]

Ah, querem uma luz melhor que a do sol!
Querem prados mais verdes que estes!
Querem flores mais belas que estas que vejo!
A mim este sol, estes prados, estas flores contentam-me.
Mas, se acaso me descontentam,
O que quero é um sol mais sol que o sol,
O que quero é prados mais prados que estes prados,
O que quero é flores mais estas flores que estas flores —
Tudo mais ideal do que é do mesmo modo e da mesma maneira!
Aquela cousa que está ali estar mais ali do que ali está!
Sim, choro às vezes o corpo perfeito que não existe.
Mas o corpo perfeito é o corpo mais corpo que pode haver,
E o resto são os sonhos dos homens,
A miopia de quem vê pouco,
E o desejo de estar sentado de quem não sabe estar de pé.
Todo o cristianismo é um sonho de cadeiras.

E como a alma é aquilo que não aparece,
A alma mais perfeita é aquela que não aparece nunca —
A alma que está feita com o corpo,
O absoluto corpo das cousas,
A existência absolutamente real sem sombras nem erros,
A coincidência exata e inteira de uma cousa consigo mesma.

XI:1 **púcaro:** pequeno recipiente com asas, para retirar líquido de recipientes maiores.

[XIII]

Duas horas e meia da madrugada. Acordo, e adormeço.
Houve em mim um momento de vida diferente entre sono e sono.
Se ninguém condecora o sol por dar luz,
Para que condecoram quem é herói?

Durmo com a mesma razão com que acordo
E é no intervalo que existo.

Nesse momento, em que acordei, dei por todo o mundo —
Uma grande noite incluindo tudo
Só para fora.

[XIV]

Pétala dobrada para trás da rosa que outros diriam de veludo,
Apanho-te do chão e, de perto, contemplo-te de longe.

Não há rosas no meu quintal: que vento te trouxe?
Mas chego de longe de repente. Estive doente um momento.
Nenhum vento te trouxe *agora*.
Agora estás aqui.
O que tu foste não és tu, senão, toda a rosa estava aqui.

[XV]

Gozo os campos sem reparar para eles.
Perguntas-me por que os gozo.
Porque os gozo, respondo.
Gozar uma flor é estar ao pé dela inconscientemente
E ter uma noção do seu perfume nas nossas ideias mais apagadas.
Quando reparo, não gozo: vejo.
Fecho os olhos, e o meu corpo, que está entre a erva,
Pertence inteiramente ao exterior de quem fecha os olhos —
À dureza fresca da terra cheirosa e irregular;
E alguma coisa dos ruídos indistintos das coisas a existir,
E só uma sombra encarnada de luz me carrega levemente nas órbitas,
E só um resto de vida fica.

[XVI]

O verde do céu azul antes do sol estar para nascer,
E o azul branco do ocidente onde o brilhar do sol se sumiu.

As cores verdadeiras das coisas que os olhos veem —
O luar não branco mas cinzento levemente azulado.

Contenta-me ver com os olhos e não com as páginas lidas.

[XVII]

Deito-me ao comprido na erva
E esqueço tudo quanto me ensinaram.
O que me ensinaram nunca me deu mais calor nem mais frio.
O que me disseram que havia nunca me alterou a forma de uma coisa.
O que me aprenderam a ver nunca tocou nos meus olhos.
O que me apontaram nunca estava ali: estava ali só o que ali estava.

[XVIII]

Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

[XIX]

A neve pôs uma toalha calada sobre tudo.
Não se sente senão o que se passa dentro de casa.
Embrulho-me num cobertor e não penso sequer em pensar.

XVIII:7 **cave:** porão, lugar subterrâneo.

Sinto um gozo de animal e vagamente penso,
E adormeço sem menos utilidade que todas as ações do mundo.

[XX]

Primeiro prenúncio da trovoada de depois de amanhã,
As primeiras nuvens, brancas, pairam baixas no céu mortiço.
Da trovoada de depois de amanhã?
Tenho a certeza, mas a certeza é mentira.
Ter certeza é não estar vendo.
Depois de amanhã não há.
O que há é isto:
Um céu de azul um pouco baço, umas nuvens brancas no horizonte,
Com um retoque sujo em baixo como se viesse negro depois.
Isto é o que hoje é,
E, como hoje por enquanto é tudo, isto é tudo.
Quem sabe se eu estarei morto depois de amanhã?
Se eu estiver morto depois de amanhã, a trovoada de depois de amanhã
Será outra trovoada do que seria se eu não tivesse morrido.
Bem sei que a trovoada não cai da minha vista,
Mas se eu não estiver no mundo, o mundo será diferente —
Haverá eu a menos —
E a trovoada cairá num mundo diferente e não será a mesma trovoada.
Seja como for, a que cair é que estará caindo quando cair.

[XXI]

É noite. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande distância
Brilha a luz duma janela.
Vejo-a, e sinto-me humano dos pés à cabeça.
É curioso que toda a vida do indivíduo que ali mora, e que não sei quem é,
Atrai-me só por essa luz vista de longe.
Sem dúvida que a vida dele é real e ele tem cara, gestos, família e profissão.
Mas agora só me importa a luz da janela dele.

XX:2 **mortiço:** sem brilho.

XX:8 **baço:** sem brilho, embaciado.

Apesar de a luz estar ali por ele a ter acendido,
A luz é a realidade imediata para mim.
Eu nunca passo para além da realidade imediata.
Para além da realidade imediata não há nada.
Se eu, de onde estou, só vejo aquela luz,
Em relação à distância onde estou há só aquela luz.
O homem e a família dele são reais do lado de lá da janela.
Eu estou do lado de cá, a uma grande distância.
A luz apagou-se.
Que me importa que o homem continue a existir?
É só ele que continua a existir.

COMENTÁRIO CRÍTICO*

O cenário dominante na poesia de Alberto Caeiro, quase sempre luminoso e diurno, fala da Natureza observada "em dias de luz perfeita e exata, / Em que as cousas têm toda a realidade que podem ter" — como ele diz no poema de número XXVI da série "O guardador de rebanhos". O poema que vamos comentar agora é exceção. Podemos observar, de saída, que a cena noturna aqui descrita é omissa quanto a formas, cores, cheiros e outras sensações. Comparado aos demais, é um poema neutro ou cinzento, que gira em torno de uma única sensação: "Numa casa a uma grande distância / Brilha a luz duma janela". E essa mesma e única luz se repetirá nada menos que seis vezes, em um total de 18 versos: a cada três, em média, o poeta insiste em registrar de novo a única sensação real de que dispõe, naquele momento, quem sabe tentando protelar o final inevitável: "A luz apagou-se".

Claro que isso é só uma parte — metade, digamos — do que o poema nos revela. Logo de início, a luz da janela é associada (e isso parece lógico e plausível) ao "indivíduo que ali mora", e a associação em seguida se desdobra em outra: "Sem dúvida que a vida dele é real e ele tem cara, gestos, família e profissão". Mas Caeiro não vê nada disso, apenas supõe. Ele nem sabe quem esse indivíduo é. Temos aí a outra metade da cena, a parte que fica na sombra, que não pode ser vista e por isso... não existe? Não, negativo. Existe, sim, mas de outro modo, com outras implicações.

Enquanto a metade iluminada do poema depende de uma sensação (essa "luz vista de longe"), a metade escura brota não de uma sensação, mas de um sentimento. Avistada a luz da janela, o poeta afirma: "Vejo-a, e sinto-me humano dos pés à cabeça". Aí está. O sentimento de humanidade aparece quando, impossibilitado de ver o vizinho, Caeiro mesmo assim admite a sua existência, como um ser que, independentemente de existir aí fora, passou a fazer parte da sua consciência, foi interiorizado. Sentir-se "humano", então, significa: ter consciência do outro, reconhecê-lo como um semelhante, interessar-se por ele, para conhecê-lo melhor, respeitá-lo e assim por diante. Acontece que tudo isso, apesar de constituir decorrência igualmente lógica e plausível daquele sentimento inicial, fica apenas subentendido. Nesse momento, a reação de Caeiro é abrupta: "Mas agora só me importa a luz da janela dele".

---

* Abrange o poema XXI.

Vale dizer que ele, na verdade, começara a se importar com muitas outras coisas, mas achou melhor parar por aí. A ideia de "importar" (ou "importar-se com") traduz o que o sentimento de humanidade quer dizer: é o sentimento que pode unir pessoas, através da consciência; um sentimento cujo embrião o poeta flagra em si mesmo, naquele momento especial em que a "noite é muito escura", mas corta-o pela raiz. Se agora, que o sentimento apareceu, só lhe importa a luz da janela do indivíduo, quando ele se importará com o resto?

Caeiro se coloca (e nos coloca) em um impasse. Se tal sentimento de humanidade for levado adiante, ele acabará por renegar toda a sua filosofia, essa que recomenda não ir "além da realidade imediata". Para além dessa realidade, só o que existe é a consciência, e esta levaria, por força daquele sentimento, a fixar regras e normas de conduta, princípios e valores, que passariam a comandar seu comportamento. Desse modo, ele seria obrigado a abrir mão das sensações, deixando de se relacionar com a efetiva realidade das coisas e do mundo (incluindo-se aí o indivíduo por trás da janela) para se relacionar com significados e abstrações.

O verso-chave do poema é, sem dúvida, o terceiro, em que o poeta diz: "sinto-me humano dos pés à cabeça". Tal sentimento corresponde ao impulso ético, o impulso que leva seres humanos a se encararem não como coisas, mas como pessoas, sob o signo da compaixão e da solidariedade. Para Caeiro, porém, tal impulso, embora verdadeiro, é irrealizável, porque (será este o significado metafórico da metade escura do poema?) só existe nas sombras, não pode ser visto, obriga cada um a se isolar em sua própria consciência e a confiar em uma suposição — a de que todos estejam empenhados nas mesmas normas de conduta, no mesmo código de valores. Caeiro prefere confiar na realidade das sensações: "A luz apagou-se. / Que me importa que o homem continue a existir?".

Para o heterônimo pastor, essa parece ser a solução. Mas o impasse perdura — quem sabe, agora, transferido para a consciência de cada um de nós.

[XXII]

Falas de civilização, e de não dever ser,
Ou de não dever ser assim.
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos,
Com as cousas humanas postas desta maneira.
Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos.
Dizes que se fossem como tu queres, seria melhor.
Escuto sem te ouvir.
Para que te quereria eu ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as cousas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Se as cousas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.
Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!

[XXIII]

Leram-me hoje S. Francisco de Assis.
Leram-me e pasmei.
Como é que um homem que gostava tanto das cousas
Nunca olhava para elas, não sabia o que elas eram?
Para que hei de chamar minha irmã à água, se ela não é minha irmã?
Para a sentir melhor?
Sinto-a melhor bebendo-a do que chamando-lhe qualquer cousa —
Irmã, ou mãe, ou filha.
A água é a água e é bela por isso.
Se eu lhe chamar minha irmã,
Ao chamar-lhe minha irmã, vejo que o não é
E que se ela é a água o melhor é chamar-lhe água;
Ou, melhor ainda, não lhe chamar cousa nenhuma,
Mas bebê-la, senti-la nos pulsos, olhar para ela
E tudo isto sem nome nenhum.

XXIII:1 **São Francisco de Assis:** Francesco Bernardone (1181-1226), santo católico, natural de Assis (Itália), pregou a humildade e a não violência, quer em relação às pessoas, quer em relação aos animais e à natureza.

[XXIV]

A guerra, que aflige com os seus esquadrões o mundo,
É o tipo perfeito do erro da filosofia.

A guerra, como tudo humano, quer alterar.
Mas a guerra, mais do que tudo, quer alterar e alterar muito
E alterar depressa.

Mas a guerra inflige a morte.
E a morte é o desprezo do universo por nós.
Tendo por consequência a morte, a guerra prova que é falsa.
Sendo falsa, prova que é falso todo o querer-alterar.

Deixemos o universo exterior e os outros homens onde a Natureza os pôs.
Tudo é orgulho e inconsciência.
Tudo é querer mexer-se, fazer cousas, deixar rasto.
Para o coração e o comandante dos esquadrões
Regressa aos bocados ao universo exterior.

A química direta da natureza
Não deixa lugar vago para o pensamento.

A humanidade é uma revolta de escravos.
A humanidade é um governo usurpado pelo povo.
Existe porque usurpou, mas erra porque usurpar é não ter direito.
Deixai existir o mundo exterior e a humanidade natural!
Paz a todas as cousas pré-humanas, mesmo no homem.
Paz à essência inteiramente exterior do Universo!

[XXV]

O que ouviu os meus versos disse-me: que tem isso de novo?
Todos sabem que uma flor é uma flor e uma árvore é uma árvore.
Mas eu respondi: nem todos, ninguém.
Porque todos amam as flores por serem belas, e eu sou diferente.

XXIV:14 **aos bocados:** aos pedaços, isto é, aos saltos, de modo intermitente.

XXIV:19 **usurpar:** apossar-se de algo pela força, sem direito.

E todos amam as árvores por serem verdes e darem sombra, mas eu não.
Eu amo as flores por serem flores, diretamente.
Eu amo as árvores por serem árvores, sem o meu pensamento.

[XXVI]

Ontem o pregador de verdades dele
Falou outra vez comigo.
Falou do sofrimento das classes que trabalham
(Não do das pessoas que sofrem, que é afinal quem sofre).
Falou da injustiça de uns terem dinheiro,
E de outros terem fome, que não sei se é fome de comer,
Ou se é só fome da sobremesa alheia.
Falou de tudo quanto pudesse fazê-lo zangar-se.

Que feliz deve ser quem pode pensar na infelicidade dos outros!
Que estúpido se não sabe que a infelicidade dos outros é deles,
E não se cura de fora,
Porque sofrer não é ter falta de tinta
Ou o caixote não ter aros de ferro!

Haver injustiça é como haver morte.
Eu nunca daria um passo para alterar
Aquilo a que chamam a injustiça do mundo.
Mil passos que desse para isso
Eram só mil passos.
Aceito a injustiça como aceito uma pedra não ser redonda,
E um sobreiro não ter nascido pinheiro ou carvalho.

Cortei a laranja em duas, e as duas partes não podiam ficar iguais.
Para qual fui injusto — eu, que as vou comer a ambas?

[XXVII]

Criança desconhecida e suja brincando à minha porta,
Não te pergunto se me trazes um recado dos símbolos.

XXVI:20 **sobreiro:** árvore de grande porte, da família das fagáceas, natural da Europa e do norte da África, de onde se extrai a cortiça.

Acho-te graça por nunca te ter visto antes,
E naturalmente se pudesses estar limpa eras outra criança,
Nem aqui vinhas.
Brinca na poeira, brinca!
Aprecio a tua presença só com os olhos.
Vale mais a pena ver uma cousa sempre pela primeira vez que conhecê-la,
Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.

O modo como esta criança está suja é diferente do modo como as outras estão sujas.
Brinca! Pegando numa pedra que te cabe na mão,
Sabes que te cabe na mão.
Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior?
Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.

[XXVIII]

Uma gargalhada de rapariga soa do ar da estrada.
Riu do que disse quem não vejo.
Lembro-me já que ouvi.
Mas se me falarem agora de uma gargalhada de rapariga da estrada,
Direi: não, os montes, as terras ao sol, o sol, a casa aqui,
E eu que só oiço o ruído calado do sangue que há na minha vida
dos dois lados da cabeça.

[XXIX]

Noite de S. João para além do muro do meu quintal.
Do lado de cá, eu sem noite de S. João.
Porque há S. João onde o festejam.
Para mim há uma sombra de luz de fogueiras na noite,
Um ruído de gargalhadas, os baques dos saltos.
E um grito casual de quem não sabe que eu existo.

XXVIII:6 **oiço:** mesmo que "ouço", do verbo ouvir. (N.E.)

[XXX]

Tu, místico, vês uma significação em todas as cousas.
Para ti tudo tem um sentido velado.
Há uma cousa oculta em cada cousa que vês.
O que vês, vê-lo sempre para veres outra cousa.
Para mim, graças a ter olhos só para ver,
Eu vejo ausência de significação em todas as cousas;
Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada.
Ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação.

[XXXI]

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas —
Que felicidade é essa que pareces ter — a tua ou a minha?
A paz que sinto quando te vejo, pertence-me ou pertence-te?
Não, nem a ti nem a mim, pastor.
Pertence só à felicidade e à paz.
Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.
Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.
Ela é ela só, e cai sobre nós como o sol,
Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra cousa indiferentemente,
E me bate na cara e me ofusca, e eu só penso no sol.

[XXXII]

Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo
Passa um momento uma figura de homem.
Os seus passos vão com "ele" na mesma realidade,
Mas eu reparo para ele e para eles, e são duas cousas:
O "homem" vai andando com as suas ideias, falso e estrangeiro,
E os passos vão com o sistema antigo que faz pernas andar.
Olho-o de longe sem opinião nenhuma.
Que perfeito que é nele o que ele é — o seu corpo,
A sua verdadeira realidade que não tem desejos nem esperanças,
Mas músculos e a maneira certa e impessoal de os usar.

[XXXIII]

Falaram-me em homens, em humanidade,
Mas eu nunca vi homens nem vi humanidade.
Vi vários homens assombrosamente diferentes entre si,
Cada um separado do outro por um espaço sem homens.

[XXXIV]

Vive, dizes, no presente;
Vive só no presente.

Mas eu não quero o presente, quero a realidade;
Quero as cousas que existem, não o tempo que as mede.

O que é o presente?
É uma cousa relativa ao passado e ao futuro.
É uma cousa que existe em virtude de outras cousas existirem.
Eu quero só a realidade, as cousas sem presente.

Não quero incluir o tempo no meu haver.
Não quero pensar nas cousas como presentes; quero pensar nelas como cousas.
Não quero separá-las de si próprias, tratando-as por presentes.

Eu nem por reais as devia tratar.
Eu não as devia tratar por nada.

Eu devia vê-las, apenas vê-las;
Vê-las até não poder pensar nelas,
Vê-las sem tempo, nem espaço,
Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.
É esta a ciência de ver, que não é nenhuma.

XXXIV:1 **vive:** forma imperativa do verbo viver.

[XXXV]

Dizes-me: tu és mais alguma cousa
Que uma pedra ou uma planta.
Dizes-me: sentes, pensas e sabes
Que pensas e sentes.
Então as pedras escrevem versos?
Então as plantas têm ideias sobre o mundo?

Sim: há diferença.
Mas não é a diferença que encontras;
Porque o ter consciência não me obriga a ter teorias sobre as cousas:
Só me obriga a ser consciente.

Se sou mais que uma pedra ou uma planta?
Não sei. Sou diferente. Não sei o que é mais ou menos.

Ter consciência é mais que ter cor?
Pode ser e pode não ser.
Sei que é diferente apenas.
Ninguém pode provar que é mais que só diferente.

Sei que a pedra é real, e que a planta existe.
Sei isto porque elas existem.
Sei isto porque os meus sentidos mo mostram.
Sei que sou real também.
Sei isto porque os meus sentidos mo mostram,
Embora com menos clareza que me mostram a pedra e a planta.
Não sei mais nada.
Sim, escrevo versos, e a pedra não escreve versos.
Sim, faço ideias sobre o mundo, e a planta nenhumas.
Mas é que as pedras não são poetas, são pedras;
E as plantas são plantas só, e não pensadores.
Tanto posso dizer que sou superior a elas por isto,
Como que sou inferior.
Mas não digo isso; digo da pedra, "é uma pedra",
Digo da planta, "é uma planta",
Digo de mim, "sou eu".
E não digo mais nada. Que mais há a dizer?

[XXXVI]

Passar a limpo a Matéria
Repor no seu lugar as cousas que os homens desarrumaram
Por não perceberem para que serviam
Endireitar, como uma boa dona de casa da Realidade,
As cortinas nas janelas do Pensamento
E os capachos às portas da Percepção
Varrer os quartos da Observação
E limpar o pó das ideias simples…
Eis a minha vida, verso a verso.

[XXXVII]

O que vale a minha vida? No fim (não sei que fim)
Um diz: ganhei trezentos contos,
Outro diz: tive três mil dias de glória,
Outro diz: estive bem com a minha consciência e isso é bastante…
E eu, se lá aparecerem e me perguntarem o que fiz,
Direi: olhei para as cousas e mais nada.
E por isso trago aqui o Universo dentro da algibeira.
E se Deus me perguntar: e o que viste tu nas cousas?
Respondo: apenas as cousas… Tu não puseste lá mais nada.
E Deus, que é da mesma opinião, fará de mim uma nova espécie de santo.

[XXXVIII]

A espantosa realidade das coisas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.

Basta existir para se ser completo.

Tenho escrito bastantes poemas.
Hei de escrever muitos mais, naturalmente.

XXXVII:7 **algibeira:** pequena bolsa.

Cada poema meu diz isto,
E todos os meus poemas são diferentes,
Porque cada coisa que há é uma maneira de dizer isto.

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.
Não me ponho a pensar se ela sente.
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.
Mas gosto dela por ela ser uma pedra,
Gosto dela porque ela não sente nada,
Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

Outras vezes oiço passar o vento,
E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.
Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto;
Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem esforço,
Nem ideia de outras pessoas a ouvir-me pensar;
Porque o penso sem pensamentos,
Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,
E eu admirei-me, porque não julgava
Que se me pudesse chamar qualquer coisa.
Eu nem sequer sou poeta: vejo.
Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho:
O valor está ali, nos meus versos.
Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

[XXXIX]

Todas as teorias, todos os poemas
Duram mais que esta flor,
Mas isso é como o nevoeiro, que é desagradável e úmido,
E mais que esta flor…
O tamanho ou duração não têm importância nenhuma…
São apenas tamanho e duração…
O que importa é aquilo que dura e tem dimensão
(Se verdadeira dimensão é a realidade)…
Ser real é a cousa mais nobre do mundo.

[XL]

Então os meus versos têm sentido e o universo não há de ter sentido?
Em que geometria é que a parte excede o todo?
Em que biologia é que o volume dos órgãos
Tem mais vida que o corpo?

[XLI]

Sempre que penso uma cousa, traio-a.
Só tendo-a diante de mim devo pensar nela,
Não pensando, mas vendo,
Não com o pensamento, mas com os olhos.
5 Uma cousa que é visível existe para se ver,
E o que existe para os olhos não tem que existir para o pensamento;
Só existe diretamente para os olhos e não para o pensamento.
Olho, e as cousas existem.
Penso e existo só eu.

[XLII]

Eu queria ter o tempo e o sossego suficientes
Para não pensar em cousa nenhuma,
Para nem me sentir viver,
Para só saber de mim nos olhos dos outros, refletido.

[XLIII]

A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas
Age como um deus doente, mas como um deus.
Porque embora afirme que existe o que não existe,
Sabe como é que as cousas existem, que é existindo,
5 Sabe que existir existe e não se explica,
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,
Sabe que ser é estar em um ponto.
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.

[XLIV]

No dia brancamente nublado entristeço quase a medo
E ponho-me a meditar nos problemas que finjo…

Se o homem fosse, como deveria ser,
Não um animal doente, mas o mais perfeito dos animais,
Animal direto e não indireto,
Devia ser outra a sua forma de encontrar um sentido às cousas,
Outra e verdadeira.
Devia haver adquirido um *sentido* do "conjunto";
Um sentido, como ver e ouvir, do "total" das cousas
E não, como temos, um *pensamento* do "conjunto",
E não, como temos, uma *ideia* do "total" das cousas.
E assim — veríamos — não teríamos noção de *conjunto* ou de *total*,
Porque o sentido de "total" ou de "conjunto" não seria de um "total" ou de um "conjunto"
Mas da verdadeira Natureza talvez nem todo nem partes.

O único mistério do Universo é o mais e não o menos.
Percebemos demais as cousas — eis o erro e a dúvida.
O que existe transcende para baixo o que julgamos que existe.
A Realidade é apenas real e não pensada.

O Universo não é uma ideia minha.
A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos.
A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos
A noite anoitece concretamente
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.

Assim como falham as palavras quando queremos exprimir qualquer pensamento,
Assim faltam os pensamentos quando queremos pensar qualquer realidade.
Mas, como a essência do pensamento não é ser dito mas ser pensado,

---

XLIV:17 **transcender:** ir além dos limites, superar.

Assim é a essência da realidade o existir, não o ser pensada.
Assim tudo o que existe, simplesmente existe.
O resto é uma espécie de sono que temos,
Uma velhice que nos acompanha desde a infância da doença.

O espelho reflete certo; não erra porque não pensa.
Pensar é essencialmente errar.
Errar é essencialmente estar cego e surdo.

Estas verdades não são perfeitas porque são ditas,
E antes de ditas, pensadas:
Mas no fundo o que está certo é elas negarem-se a si próprias
Na negação oposta de afirmarem qualquer cousa.
A única afirmação é ser.
E só o afirmativo é o que não precisa de mim.

[XLV]

Estou doente. Meus pensamentos começam a estar confusos.
Mas o meu corpo, tocando nas cousas, entra nelas.
Sinto-me parte das cousas com o tato
E uma grande libertação começa a fazer-se em mim,
Uma grande alegria solene como a de um ato heroico
Passado a sós no gesto sóbrio e escondido.

[XLVI]

Seja o que for que esteja no centro do mundo,
Deu-me o mundo exterior por exemplo de Realidade,
E quando digo "isto é real", mesmo de um sentimento,
Vejo-o sem querer em um espaço qualquer exterior,
Vejo-o com uma visão qualquer fora e alheio a mim.

Ser real quer dizer não estar dentro de mim.
Da minha pessoa de dentro não tenho noção de realidade.
Sei que o mundo existe, mas não sei se existo.
Estou mais certo da existência da minha casa branca

XLV:5 **solene:** majestoso, imponente.

Do que da existência interior do dono da casa branca.
Creio mais no meu corpo do que na minha alma,
Porque o meu corpo apresenta-se no meio da realidade,
Podendo ser visto por outros,
Podendo tocar em outros,
Podendo sentar-se e estar de pé,
Mas a minha alma só pode ser definida por termos de fora.
Existe para mim — nos momentos em que julgo que efetivamente existe —
Por um empréstimo da realidade exterior do Mundo.

Se a alma é mais real
Que o mundo exterior, como tu, filósofo, dizes,
Para que é que o mundo exterior me foi dado como tipo da realidade?
Se é mais certo eu sentir
Do que existir a cousa que sinto
Para que sinto
E para que surge essa cousa independentemente de mim
Sem precisar de mim para existir,
E eu sempre ligado a mim próprio, sempre pessoal e intransmissível?
Para que me movo com os outros
Em um mundo em que nos entendemos e onde coincidimos
Se por acaso esse mundo é o erro e eu é que estou certo?
Se o mundo é um erro, é um erro de toda a gente.
E cada um de nós é o erro de cada um de nós apenas.
Cousa por cousa, o mundo é mais certo.

Mas por que me interrogo, se não porque estou doente?

Nos dias certos, nos dias exteriores da minha vida,
Nos meus dias de perfeita lucidez natural,
Sinto sem sentir que sinto,
Vejo sem saber que vejo,
E nunca o Universo é tão real como então,
Nunca o Universo está (não é perto ou longe de mim,
Mas) tão sublimemente não meu.

Quando digo "é evidente", quero dizer "só eu é que vejo"?
Quando digo "é verdade", quero acaso dizer "é minha opinião"?
Quando digo "ali está", quero acaso dizer "não está ali"?

E se isto é assim na vida, por que será diferente na filosofia?
Vivemos antes de filosofar, existimos antes de o sabermos,
E o primeiro fato merece ao menos a precedência e o culto.
Sim, antes de sermos interior somos exterior.
Por isso somos exterior essencialmente.

Dizes, filósofo doente, filósofo enfim, que isto é materialismo.
Mas isto como pode ser materialismo, se materialismo é uma filosofia,
Se uma filosofia seria, pelo menos sendo minha, uma filosofia minha,
E isto nem sequer é meu, nem sequer sou eu?

[XLVII]

Pouco me importa.
Pouco me importa o quê? Não sei: pouco me importa.

[XLVIII]

Todas as opiniões que há sobre a Natureza
Nunca fizeram crescer uma erva ou nascer uma flor.
Toda a sabedoria a respeito das cousas
Nunca foi cousa em que pudesse pegar, como nas cousas.
Se a ciência quer ser verdadeira,
Que ciência mais verdadeira que a das cousas sem ciência?
Fecho os olhos e a terra dura sobre que me deito
Tem uma realidade tão real que até as minhas costas a sentem.
Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas.

[XLIX]

Mas para que me comparar com uma flor, se eu sou eu
E a flor é a flor?

Ah, não comparemos coisa nenhuma; olhemos.
Deixemos analogias, metáforas, símiles.
Comparar uma coisa com outra é esquecer essa coisa.

XLVIII:9 **espádua:** ombro. (N.E.)

XLIX:4 **analogia:** afinidade, semelhança; **metáfora:** figura de linguagem que consiste em designar um objeto por meio de palavra que designe outro; **símile:** comparação baseada na semelhança.

Nenhuma coisa lembra outra se repararmos para ela.
Cada coisa só lembra o que é
E só é o que nada mais é.
Separa-a de todas as outras o abismo de ser ela
(E as outras não serem ela).
Tudo é nada sem outra coisa que não é.

O quê? Valho mais que uma flor
Porque ela não sabe que tem cor e eu sei,
Porque ela não sabe que tem perfume e eu sei,
Porque ela não tem consciência de mim e eu tenho consciência dela?

Mas o que tem uma coisa com a outra
Para que seja superior ou inferior a ela?
Sim, tenho consciência da planta e ela não a tem de mim.
Mas se a forma da consciência é ter consciência, que há nisso?

A planta, se falasse, podia dizer-me: e o teu perfume?
Podia dizer-me: tu tens consciência porque ter consciência é uma qualidade humana
E eu não tenho consciência porque sou flor, não sou homem.
Tenho perfume e tu não tens, porque sou flor…

[L]

Verdade, mentira, certeza, incerteza…
Aquele cego ali na estrada também conhece estas palavras.
Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas
Sobre o mais alto dos joelhos cruzados.
Bem: verdade, mentira, certeza, incerteza o que são?
O cego para na estrada,
Desliguei as mãos de cima do joelho.
Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas?
Qualquer cousa mudou numa parte da realidade — os meus joelhos e as minhas mãos.
Qual é a ciência que tem conhecimento para isto?
O cego continua o seu caminho e eu não faço mais gestos.
Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual.
Ser real é isto.

[LI]

Não tenho pressa. Pressa de quê?
Não têm pressa o sol e a lua: estão certos.
Ter pressa é crer que a gente passa adiante das pernas,
Ou que, dando um pulo, salta por cima da sombra.
Não; não sei ter pressa.
Se estendo o braço, chego exatamente onde o meu braço chega —
Nem um centímetro mais longe.
Toco só onde toco, não onde penso.
Só me posso sentar onde estou.
E isto faz rir como todas as verdades absolutamente verdadeiras,
Mas o que faz rir a valer é que nós pensamos sempre noutra cousa,
E somos vadios do nosso corpo.

[LII]

Sim: existo dentro do meu corpo.
Não trago o sol ou a lua na algibeira.
Não quero conquistar mundos porque dormi mal,
Nem almoçar o mundo por causa do estômago.
Indiferente?
Não: filho da terra, que se der um salto, está em falso,
Um momento no ar que não é para nós,
E só contente quando os pés lhe batem outra vez na terra,
Trás! na realidade que não falta!

[LIII]

Como uma criança antes de a ensinarem a ser grande,
Sou verdadeiro e leal ao que vejo e ouço.

[LIV]

Não sei o que é conhecer-me. Não vejo para dentro.
Não acredito que eu exista por detrás de mim.

[LV]

Patriota? Não: só português.
Nasci português como nasci louro e de olhos azuis.
Se nasci para falar, tenho que falar uma língua.

[LVI]

Nunca busquei viver a minha vida.
A minha vida viveu-se sem que eu quisesse ou não quisesse.
Só quis ver como se não tivesse alma.
Só quis ver como se fosse apenas olhos.

[LVII]

Dizem que em cada coisa uma coisa oculta mora.
Sim, é ela própria, a coisa sem ser oculta,
Que mora nela.
Mas eu, com consciência e sensações e pensamentos,
Serei como uma coisa?
Que há a mais ou a menos em mim?
Seria bom e feliz se eu fosse só o meu corpo —
Mas sou também outra coisa, mais ou menos que só isso.
Que coisa a mais ou a menos é que eu sou?

O vento sopra sem saber.
A planta vive sem saber.
Eu também vivo sem saber, mas sei que vivo.
Mas saberei que vivo, ou só saberei que o sei?
Nasço, vivo, morro por um destino em que não mando,
Sinto, penso, movo-me por uma força exterior a mim.
Então quem sou eu?

Sou, corpo e alma, o exterior de um interior qualquer?
Ou a minha alma é a consciência que a força universal
Tem do meu corpo ser diferente dos outros corpos?
No meio de tudo onde estou eu?

Morto o meu corpo,
Desfeito o meu cérebro,
Em consciência abstrata, impessoal, sem forma,
Já não sente o eu que eu tenho,
Já não pensa com o meu cérebro os pensamentos que eu sinto meus,
Já não move pela minha vontade as minhas mãos que eu movo.

Cessarei assim? Não sei.
Se tiver de cessar assim, ter pena de assim cessar
Não me tornará imortal.

[LVIII]

Hoje de manhã saí muito cedo,
Por ter acordado ainda muito mais cedo
E não ter nada que quisesse fazer…
Não sabia que caminho tomar
Mas o vento soprava forte,
E segui o caminho para onde o vento me soprava nas costas.
Assim tem sido sempre a minha vida, e assim quero que possa ser sempre —
Vou onde o vento me leva e então não preciso pensar.

[LIX]

Também sei fazer conjecturas.
Há em cada coisa aquilo que ela é que a anima.
Na planta está por fora e é uma ninfa pequena.
No animal é um ser interior longínquo.
No homem é a alma que vive com ele e é já ele.
Nos deuses tem o mesmo tamanho
E o mesmo espaço que o corpo
E é a mesma coisa que o corpo.
Por isso se diz que os deuses nunca morrem.
Por isso os deuses não têm corpo e alma
Mas só corpo e são perfeitos.

LIX:1 **conjectura:** hipótese, suposição.

LIX:3 **ninfa:** divindade mitológica que habitava os rios, as fontes e os bosques.

O corpo é que lhes é alma
E têm a consciência na própria carne divina.

[LX]

Quando tornar a vir a primavera
Talvez já não me encontre no mundo.
Gostava agora de poder julgar que a primavera é gente
Para poder supor que ela choraria,
Vendo que perdera o seu único amigo.
Mas a primavera nem sequer é uma coisa:
É uma maneira de dizer.
Nem mesmo as flores tornam, ou as folhas verdes.
Há novas flores, novas folhas verdes.
Há outros dias suaves.
Nada torna, nada se repete, porque tudo é real.

[LXI]

Quando vier a primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria
E a primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

[LXII]

Se eu morrer novo,
Sem poder publicar livro nenhum,
Sem ver a cara que têm os meus versos em letra impressa,
Peço que, se se quiserem ralar por minha causa,
Que não se ralem.
Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,
Eles lá terão a sua beleza, se forem belos.
Mas eles não podem ser belos e ficar por imprimir,
Porque as raízes podem estar debaixo da terra
Mas as flores florescem ao ar livre e à vista.
Tem que ser assim por força. Nada o pode impedir.

Se eu morrer muito novo, oiçam isto:
Nunca fui senão uma criança que brincava.
Fui gentio como o sol e a água,
De uma religião universal que só os homens não têm.
Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,
Nem procurei achar nada,
Nem achei que houvesse mais explicação
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou à chuva —
Ao sol quando havia sol
E à chuva quando estava chovendo
(E nunca a outra coisa),
Sentir calor e frio e vento,
E não ir mais longe.

LXII:4 **ralar-se:** preocupar-se, incomodar-se.

LXII:15 **gentio:** aquele que não é civilizado, selvagem.

Uma vez amei, julguei que me amariam,
Mas não fui amado.
Não fui amado pela única grande razão —
Porque não tinha que ser.
Consolei-me voltando ao sol e à chuva,
E sentando-me outra vez à porta de casa.
Os campos, afinal, não são tão verdes para os que são amados
Como para os que o não são.
Sentir é estar distraído.

[LXIII]

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra cousa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.
Vi como um danado.
Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento de ver.
Compreendi que as coisas são reais e todas diferentes umas das outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.

Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza.

[LXIV]

Quando a erva crescer em cima da minha sepultura,
Seja esse o sinal para me esquecerem de todo.
A Natureza nunca se recorda, e por isso é bela.
E se tiverem a necessidade doentia de "interpretar" a erva verde
sobre a minha sepultura,
Digam que eu continuo a verdecer e a ser natural.

[LXV]

Medo da morte?
Acordarei de outra maneira,
Talvez corpo, talvez continuidade, talvez renovado,
Mas acordarei.
Se até os átomos não dormem, por que hei de ser eu só a dormir?

[LXVI]

Ponham na minha sepultura
Aqui jaz, sem cruz,
Alberto Caeiro
Que foi buscar os deuses…
Se os deuses vivem ou não isso é convosco.
A mim deixei que me recebessem.

[LXVII]

(ditado pelo poeta no dia da sua morte)

É talvez o último dia da minha vida.
Saudei o sol, levantando a mão direita,
Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus.
Fiz sinal de gostar de o ver ainda, mais nada.

Documentos

Carta sobre a gênese dos heterônimos[1]

a Adolfo Casais Monteiro

Lisboa, 13 de Janeiro de 1935

Meu prezado Camarada:

Muito agradeço a sua carta, a que vou responder imediata e integralmente. Antes de, propriamente, começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento.

Em primeiro lugar, quero dizer-lhe que nunca eu veria "outras razões" em qualquer coisa que escrevesse, discordando, a meu respeito. Sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, nem toma qualquer crítica, que se lhe faça, como um ato de lesa-divindade. Além disso, quaisquer que sejam os meus defeitos mentais, é nula em mim a tendência para a mania da perseguição. À parte isso, conheço já suficientemente a sua independência mental, que, se me é permitido dizê-lo, muito aprovo e louvo. Nunca me propus ser Mestre ou Chefe — Mestre, porque não sei ensinar, nem sei se teria que ensinar; Chefe, porque nem sei estrelar[2] ovos. Não se preocupe, pois, em qualquer ocasião, com o que tenha que dizer a meu respeito. Não procuro caves nos andares nobres.

---

1 Pessoa, Fernando. *Páginas de doutrina estética*. Sel., pref. e notas de Jorge de Sena. Lisboa: Inquérito, 1946. p. 255-269.

2 **estrelar:** frigir ou fritar os ovos, mantendo a clara e a gema juntas e inteiriças.

Concordo absolutamente consigo em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz com um livro da natureza de *Mensagem*. Sou, de fato, um nacionalista místico, um sebastianista[3] racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras coisas. E essas coisas, pela mesma natureza do livro, a *Mensagem* não as inclui.

Comecei por esse livro as minhas publicações pela simples razão de que foi o primeiro livro que consegui, não sei por quê, ter organizado e pronto. Como estava pronto, incitaram-me a que o publicasse: acedi[4]. Nem o fiz, devo dizer, com os olhos postos no prêmio possível do Secretariado[5], embora nisso não houvesse pecado intelectual de maior. O meu livro estava pronto em Setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao prêmio, pois ignorava que o prazo para entrega dos livros, que primitivamente fora até fim de Julho, fora alargado até ao fim de Outubro. Como, porém, em fim de Outubro já havia exemplares prontos da *Mensagem*, fiz entrega dos que o Secretariado exigia. O livro estava exatamente nas condições (nacionalismo) de concorrer. Concorri.

Quando às vezes pensava na ordem de uma futura publicação de obras minhas, nunca um livro do gênero de *Mensagem* figurava em número um. Hesitava entre se deveria começar por um livro de versos grande — um livro de umas 350 páginas —, englobando as várias subpersonalidades de Fernando Pessoa ele mesmo, ou se deveria abrir com uma novela policiária[6], que ainda não consegui completar.

Concordo consigo, disse, em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz, com a publicação de *Mensagem*. Mas concordo com os fatos que foi a melhor estreia que eu poderia fazer. Precisamente — porque essa faceta, em certo modo secundária, da minha personalidade, não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas (exceto no caso do "Mar português", parte deste mesmo livro) — precisamente por isso convinha que ela aparecesse, e que aparecesse agora. Coincidiu, sem que eu o planeasse ou o premeditasse (sou incapaz de premeditação prática), com um dos momentos críticos (no sentido original da palavra) da remodelação do subconsciente nacional. O que fiz por acaso e se completou por conversa, fora exatamente talhado, com Esquadria e Compasso, pelo Grande Arquiteto.

---

3 **sebastianista:** adepto da crença segundo a qual o rei dom Sebastião não teria morrido na batalha de Alcácer-Quibir (1578), na África, e voltaria para reconduzir Portugal à glória perdida.

4 **aceder:** estar de acordo, concordar. (N.E.)

5 Secretariado Nacional de Propaganda, do Estado Novo português, implantado em 1926.

6 **policiária:** policial.

(Interrompo. Não estou doido nem bêbado. Estou, porém, escrevendo diretamente, tão depressa quanto a máquina mo permite, e vou-me servindo das expressões que me ocorrem, sem olhar a que literatura haja nelas. Suponha e fará bem em supor, porque é verdade, que estou simplesmente falando consigo.)

Respondo agora diretamente às suas três perguntas: (1) plano futuro da publicação das minhas obras, (2) gênese dos meus heterônimos, e (3) ocultismo.

Feita, nas condições que lhe indiquei, a publicação da *Mensagem*, que é uma manifestação unilateral, tenciono prosseguir da seguinte maneira. Estou agora completando uma versão inteiramente remodelada do "Banqueiro anarquista"[7]; essa deve estar pronta em breve e conto, desde que esteja pronta, publicá-la imediatamente. Se assim fizer, traduzo imediatamente esse escrito para inglês, e vou ver se o posso publicar em Inglaterra. Tal qual deve ficar, tem probabilidades europeias. (Não tome esta frase no sentido de Prêmio Nobel imanente[8]). Depois e agora respondo propriamente à sua pergunta, que se reporta à poesia — tenciono, durante o verão, reunir o tal grande volume dos poemas pequenos do Fernando Pessoa ele mesmo, e ver se o consigo publicar em fins do ano em que estamos. Será esse o volume que o Casais Monteiro espera, e é esse que eu mesmo desejo que se faça. Esse, então, será as facetas todas, exceto a nacionalista, que *Mensagem* já manifestou.

Referi-me, como viu, ao Fernando Pessoa só. Não penso nada do Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos. Nada disso poderei fazer, no sentido de publicar, exceto quando (ver mais acima) me for dado o Prêmio Nobel. E contudo — penso-o com tristeza — pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida. Pensar, meu querido Casais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos[9] pelo Fernando Pessoa, impuro e simples!

Creio que respondi à sua primeira pergunta. Se fui omisso, diga em quê. Se puder responder, responderei. Mais planos não tenho, por enquanto. E, sabendo eu o que são e em que dão os meus planos, é caso para dizer, Graças a Deus!

---

7 Um conto ("de raciocínio", na classificação de Fernando Pessoa).

8 **imanente:** subentendido, implícito.

9 **preterido:** desprezado, rejeitado.

Passo agora a responder à sua pergunta sobre a gênese dos meus heterônimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente.

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histeroneurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia[10] que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo[11] dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização[12] e para a simulação. Estes fenômenos — felizmente para mim e para os outros — mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contato com outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher — na mulher os fenômenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais, assim tudo acaba em silêncio e poesia…

Isto explica, *tant bien que mal*[13], a origem orgânica do meu heteronimismo[14]. Vou agora fazer-lhe a história direta dos meus heterônimos. Começo por aqueles que morreram, e de alguns dos quais já me não lembro — os que jazem perdidos no passado remoto da minha infância quase esquecida.

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos). Desde que me conheço, como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, caráter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar.

---

10 **abulia:** incapacidade de tomar decisões.

11 **registo:** o mesmo que "registro".

12 **despersonalização:** Fernando Pessoa concebe a criação de heterônimos como uma forma de pôr de lado, ou neutralizar, a sua personalidade. Por isso ele fala em "despersonalização".

13 ***tant bien que mal*:** do francês, "aproximadamente", "mais ou menos".

14 **heteronimismo:** o mesmo que "heteronomia" ou "heteronímia" – tendência a criar heterônimos.

Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterônimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade. Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em quê, um rival do Chevalier de Pas… Coisas que acontecem a todas as crianças? Sem dúvida ou talvez. Mas a tal ponto as vivi que as vivo ainda, pois que as relembro de tal modo que é mister[15] um esforço para me fazer saber que não foram realidades.

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito[16], absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura — cara, estatura, traje e gesto — imediatamente eu via diante de mim. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto, vejo… E tenho saudades deles.

(Em eu começando a falar — e escrever à máquina é para mim falar — custa-me a encontrar o travão[17]. Basta de maçada[18] para si, Casais Monteiro! Vou entrar na gênese dos meus heterônimos literários, que é, afinal, o que V. quer saber. Em todo o caso, o que vai dito acima dá-lhe a história da mãe que os deu à luz).

Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida[19], um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.)

---

15 **ser mister:** ser necessário. (N.E.)

16 **dito de espírito:** frase espirituosa, isto é, de sentido sutil ou enigmático.

17 **travão:** freio.

18 **maçada:** conversa enfadonha, aborrecimento.

19 **mal urdida:** no começo, malformada.

Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida[20] ao Sá-Carneiro — de inventar um poeta bucólico[21], de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, "O guardador de rebanhos". E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutro papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a "Chuva oblíqua", de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente… Foi o regresso de Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reação de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir — instintiva e subconscientemente uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a "Ode triunfal" de Álvaro de Campos, a ode com esse nome e o homem com o nome que tem.

Criei, então, uma *coterie*[22] inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria.

---

20 **fazer uma partida:** fazer uma brincadeira ou uma gozação (equivale, na gíria brasileira, a "aprontar uma").

21 **bucólico:** campestre, relativo ao campo.

22 ***coterie*:** do francês, "grupo de seguidores".

Quando foi da publicação de *Orpheu*[23], foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugeri então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema "antigo" do Álvaro de Campos — um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o "Opiário", em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contato com o seu mestre Caeiro. Foi, dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão[24]...

Creio que lhe expliquei a origem dos meus heterônimos. Se há porém qualquer ponto em que precisa de um esclarecimento mais lúcido — estou escrevendo depressa, e quando escrevo depressa não sou muito lúcido —, diga, que de bom grado lho darei. E, é verdade, um complemento verdadeiro e histérico: ao escrever certos passos das "Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro"[25], do Álvaro de Campos, tenho chorado lágrimas verdadeiras. É para que saiba com quem está lidando, meu caro Casais Monteiro!

Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1:30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes[26]; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. Álvaro de Campos é alto (1m75 de altura, mais 2 cm. do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos

---

23 Revista literária (1915) que introduziu o modernismo em Portugal.

24 **em botão:** no estágio inicial de desenvolvimento.

25 Ver na página 131 o texto integral dessas "Notas".

26 Augusto Ferreira Gomes (1892-1953), poeta e jornalista português, amigo de Fernando Pessoa. (N.E.)

— o Caeiro louro sem cor, olhos azuis, Reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma — só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu[27], depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o "Opiário". Ensinou-lhe latim um tio beirão[28] que era padre.

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterônimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de tênue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer "eu próprio" em vez de "eu mesmo", etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. O difícil para mim é escrever a prosa de Reis — ainda inédita — ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso.)

Nesta altura estará o Casais Monteiro pensando que má sorte o fez cair, por leitura, em meio de um manicômio. Em todo o caso, o pior de tudo isto é a incoerência com que o tenho escrito. Repito, porém: escrevo como se estivesse falando consigo, para que possa escrever imediatamente. Não sendo assim, passariam meses sem eu conseguir escrever.

---

27 **liceu:** estabelecimento de ensino secundário.

28 **beirão:** natural da Beira, região de Portugal.

[...][29]

Creio, assim, meu querido camarada, ter respondido, ainda com certas incoerências, às suas perguntas. Se há outras que deseja fazer, não hesite em fazê-las. Responderei conforme puder e o melhor que puder. O que poderá suceder, e isso me desculpará desde já, é não responder tão depressa.

Abraça-o o camarada que muito o estima e admira.

Fernando Pessoa

29 Em longa nota que acrescentou à edição das *Páginas de doutrina estética* (p. 346-349), Jorge de Sena esclarece que, atendendo a um pedido do próprio Fernando Pessoa, Casais Monteiro omitiu o trecho da carta em que o poeta responde à pergunta sobre ocultismo, bem como o P.S. em que tal pedido é feito.

Notas para a recordação do meu mestre Caeiro[30]

por Álvaro de Campos

Conheci o meu mestre Caeiro em circunstâncias excepcionais — como todas as circunstâncias da vida, e sobretudo as que, não sendo nada em si mesmas, hão de vir a ser tudo nos resultados.

Deixei em quase três-quartos o meu curso escocês de engenharia naval; parti numa viagem ao Oriente; no regresso, desembarcando em Marselha, e sentindo um grande tédio de seguir, vim por terra até Lisboa. Um primo meu levou-me um dia de passeio ao Ribatejo; conhecia um primo de Caeiro, e tinha com ele negócios; encontrei-me com o que havia de ser meu mestre em casa desse primo. Não há mais que contar, porque isto é pequeno, como toda a fecundação.

Vejo ainda, com claridade da alma, que as lágrimas da lembrança não empanam[31], porque a visão não é externa… Vejo-o diante de mim, vê-lo-ei talvez eternamente como primeiro o vi. Primeiro, os olhos azuis de criança que não tem medo; depois, os malares[32] já um pouco salientes, a cor um pouco pálida, e o estranho ar grego, que vinha de dentro e era uma calma, e não de fora, porque não era expressão nem feições. O cabelo, quase abundante, era louro, mas, se faltava luz, acastanhava-se. A estatura era média, tendendo para mais alta, mas curvada, sem ombros altos. O gesto era branco, o sorriso era como era, a voz era igual, lançada

30 Pessoa, Fernando. *Obras em prosa*. Org. Cleonice Bernadinelli. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974. p. 107-110.

31 **empanar:** encobrir, obscurecer.

32 **malares:** maçãs do rosto.

num tom de quem não procura senão dizer o que está dizendo — nem alta, nem baixa, clara, livre de intenções, de hesitações, de timidezas. O olhar azul não sabia deixar de fitar. Se a nossa observação estranhava qualquer coisa, encontrava-a: a testa, sem ser alta, era poderosamente branca. Repito: era pela sua brancura, que parecia maior que a da cara pálida, que tinha majestade. As mãos um pouco delgadas, mas não muito; a palma era larga. A expressão da boca, a última coisa em que se reparava — como se falar fosse, para este homem, menos que existir — era a de um sorriso como o que se atribui em verso às coisas inanimadas belas, só porque nos agradam — flores, campos largos, águas com sol — um sorriso de existir, e não de nos falar.

Meu mestre, meu mestre, perdido tão cedo! Revejo-o na sombra que sou em mim, na memória que conservo do que sou de morto…

Foi durante a nossa primeira conversa… Como foi não sei, e ele disse: "Está aqui um rapaz Ricardo Reis que há de gostar de conhecer: ele é muito diferente de si". E depois acrescentou, "tudo é diferente de nós, e por isso é que tudo existe".

Esta frase, dita como se fosse um axioma[33] da terra, seduziu-me com um abalo, como o de todas as primeiras posses, que me entrou nos alicerces da alma. Mas, ao contrário da sedução material, o efeito em mim foi de receber de repente, em todas as minhas sensações, uma virgindade que não tinha tido.

Referindo-me, uma vez, ao conceito direto das coisas, que caracteriza a sensibilidade de Caeiro, citei-lhe, com perversidade amiga, que Wordsworth[34] designa um insensível pela expressão:

> *A primrose by the river's brim*
> *A yellow primrose was to him,*
> *And it was nothing more.*

E traduzi (omitindo a tradução exata de "*primrose*"[35], pois não sei nomes de flores nem de plantas): "Uma flor à margem do rio para ele era uma flor amarela, e não era mais nada".

O meu mestre Caeiro riu. "Esse simples via bem: uma flor amarela não é realmente senão uma flor amarela".

---

33 **axioma:** afirmação presumida como absolutamente certa, embora indemonstrável.

34 **Wordsworth:** William Wordsworth, poeta romântico inglês (1770-1850), autor de *Baladas líricas* (1798) e outras obras. Álvaro cita, a seguir, versos de *Peter Bell: A Tale in Verse*, longo poema escrito em 1798, mas publicado apenas em 1819. (N.E.)

35 ***primrose*:** do inglês, "prímula" (flor que brota no início da primavera).

Mas, de repente, pensou.

"Há uma diferença", acrescentou. "Depende se se considera a flor amarela como uma das várias flores amarelas, ou como aquela flor amarela só".

E depois disse:

"O que esse seu poeta inglês queria dizer é que para o tal homem essa flor amarela era uma experiência vulgar, ou coisa conhecida. Ora isso é que não está bem. Toda a coisa que vemos, devemos vê-la sempre pela primeira vez, porque realmente é a primeira vez que a vemos. E então cada flor amarela é uma nova flor amarela, ainda que seja o que se chama a mesma de ontem. A gente não é já o mesmo nem a flor a mesma. O próprio amarelo não pode ser já o mesmo. É pena a gente não ter exatamente os olhos para saber isso, porque então éramos todos felizes".

O meu mestre Caeiro não era um pagão: era o paganismo. O Ricardo Reis é um pagão, o Antônio Mora[36] é um pagão, eu sou um pagão; o próprio Fernando Pessoa seria um pagão, se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro. Mas o Ricardo Reis é um pagão por caráter, o Antônio Mora é um pagão por inteligência, eu sou um pagão por revolta, isto é, por temperamento. Em Caeiro não havia explicação para o paganismo; havia consubstanciação[37]. Vou definir isto da maneira em que se definem as coisas indefiníveis — pela cobardia[38] do exemplo. Uma das coisas que mais nitidamente nos sacodem na comparação de nós com os gregos é a ausência de conceito de infinito, a repugnância de infinito, entre os gregos. Ora, o meu mestre Caeiro tinha lá mesmo esse mesmo conceito. Vou contar, creio que com grande exatidão, a conversa assombrosa em que mo revelou.

Referia-me ele, aliás desenvolvendo o que diz num dos poemas de "O guardador de rebanhos", que não sei quem lhe tinha chamado em tempos "poeta materialista". Sem achar a frase justa, porque o meu mestre Caeiro não é definível com qualquer frase justa, disse, contudo, que não era absurda de todo a atribuição. E expliquei-lhe, mais ou menos bem, o que é o materialismo clássico. Caeiro ouviu-me com uma atenção de cara dolorosa, e depois disse-me bruscamente:

"Mas isso o que é é muito estúpido. Isso é uma coisa de padres sem religião, e portanto sem desculpa nenhuma."

---

36 **Antônio Mora:** outro heterônimo, ensaísta, adepto do neopaganismo.

37 **consubstanciação:** união de dois ou mais corpos na mesma substância.

38 **cobardia:** o mesmo que "covardia". (N.E.)

Fiquei atônito, e apontei-lhe várias semelhanças entre o materialismo e a doutrina dele, salva a poesia desta última. Caeiro protestou.

"Mas isso a que V. chama poesia é que é tudo. Nem é poesia: é ver. Essa gente materialista é cega. V. diz que eles dizem que o espaço é infinito. Onde é que eles viram isso no espaço?"

E eu, desnorteado. "Mas V. não concebe o espaço como infinito? Você não pode conceber o espaço como infinito?".

"Não concebo nada como infinito. Como é que eu posso conceber qualquer coisa como infinito?"

"Homem", disse eu, "suponha um espaço. Para além desse espaço há mais espaço, para além desse mais, e depois mais, e mais, e mais… Não acaba…"

"Por quê?" disse o meu mestre Caeiro.

Fiquei num terramoto[39] mental. "Suponha que acaba", gritei. "O que há depois?"

"Se acaba, depois não há nada", respondeu.

Este gênero de argumentação, cumulativamente infantil e feminina, e portanto irrespondível, atou-me o cérebro durante uns momentos.

"Mas V. concebe isso?" deixei cair por fim.

"Se concebo o quê? Uma coisa ter limites? Pudera! O que não tem limites não existe. Existir é haver outra coisa qualquer e portanto cada coisa ser limitada. O que é que custa conceber que uma coisa é uma coisa, e não está sempre a ser uma outra coisa que está mais adiante?"

Nessa altura senti carnalmente que estava discutindo, não com outro homem, mas com outro universo. Fiz uma última tentativa, um desvio que me obriguei a sentir legítimo.

"Olhe, Caeiro… Considere os números… Onde é que acabam os números? Tomemos qualquer número — 34, por exemplo. Para além dele temos 35, 36, 37, 38, e assim sem poder parar. Não há número grande que não haja um número maior…"

"Mas isso são só números", protestou o meu mestre Caeiro.

E depois acrescentou, olhando-me com uma formidável infância:

"O que é o 34 na realidade?"

Há frases repentinas, profundas porque vêm do profundo, que definem um homem, ou, antes, com que um homem se define, sem definição. Não me esquece aquela em que Ricardo Reis uma vez se me definiu. Falava-se de mentir, e ele disse: "Abomino a mentira, porque é

39 **terramoto**: o mesmo que "terremoto". (N.E.)

uma inexatidão". Todo o Ricardo Reis — presente, passado e futuro — está nisto.

O meu mestre Caeiro, como não dizia senão o que era, pode ser definido por qualquer frase sua, escrita ou falada, sobretudo depois do período que começa do meio em diante de "O guardador de rebanhos". Mas, entre tantas frases que escreveu e se imprimem, entre tantas que me disse e relato ou não relato, a que o contém com maior simplicidade é aquela que uma vez me disse em Lisboa. Falava-se de não sei quê que tinha que ver com as relações de cada qual consigo mesmo. E eu perguntei de repente ao meu mestre Caeiro, "está contente consigo?". E ele respondeu: "Não: estou contente". Era como a voz da Terra, que é tudo e ninguém.

Nunca vi triste o meu mestre Caeiro. Não sei se estava triste quando morreu, ou nos dias antes. Seria possível sabê-lo, mas a verdade é que nunca ousei perguntar aos que assistiram à morte qualquer coisa da morte ou de como ele a teve.

Em todo o caso, foi uma das angústias da minha vida — das angústias reais em meio de tantas que têm sido fictícias — que Caeiro morresse sem eu estar ao pé dele. Isto é estúpido mas humano, e é assim.

Eu estava em Inglaterra. O próprio Ricardo Reis não estava em Lisboa; estava de volta no Brasil. Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse. O Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro.

Nada me consola de não ter estado em Lisboa nesse dia, a não ser aquela consolação que pensar no meu mestre Caeiro espontaneamente me dá. Ninguém é inconsolável ao pé da memória de Caeiro ou dos seus versos; e a própria ideia do nada — a mais pavorosa de todas se se pensa com a sensibilidade — tem, na obra e na recordação do meu mestre querido, qualquer coisa de luminoso e de alto, como o sol sobre as neves dos píncaros[40] inatingíveis.

---

40 **píncaros:** pontos mais altos de picos e montanhas; cumes.

INDICAÇÕES DE LEITURA[1]

COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo, 1949 (3. ed. 1969).

"Caeiro surge, pois, como lírico espontâneo, instintivo, inculto (não foi além da instrução primária, informa Campos[2]), impessoal e forte como a voz da Terra, de candura, lhaneza[3], placidez ideais. [...] As vivências típicas do poeta Caeiro, que este assegura ter experimentado, estavam condenadas a nascer e morrer no silêncio. [...] O estilo de Caeiro, pobre de vocabulário, predominantemente abstrato, incolor, discursivo, de modo algum se prestava à descrição pictórica impressionista, fiel à individualidade das coisas. Em Caeiro, o pensador, o 'raciocinador' suplanta o poeta; eis o que se induz do próprio estilo. [...] Pessoa, ao forjar Caeiro, partiu duma imagem mental, duma atitude apenas vivida pela inteligência, que pretendeu 'ilustrar' mediante uma 'personagem' típica. [...] Em regra, ouvimo-lo argumentando, criticando, não transmitindo sensações mas discorrendo sobre sensações. [...] Caeiro é sobretudo inteligência. Filosofa contra a filosofia. [...] Lendo Caeiro não vemos árvores, ouvimos expor uma doutrina" (p. 22-25).

LOURENÇO, Eduardo. *Pessoa revisitado: leitura estruturante do drama em gente*. Porto: Inova, 1973.

"A Linguagem é antes a forma suprema de fazer evaporar a Realidade, de a afastar de nós, de a perder, de suspender e desatar o cordão umbilical que a ela nos uniria (e une) se conseguíssemos silenciá-la. É nesse

1 Nesta seção, optou-se por transcrever trechos das obras indicadas que resumem aspectos importantes da poesia de Alberto Caeiro.

2 **Campos:** Álvaro de Campos. Sobre ele ver "Notas para a recordação do meu mestre Caeiro", na seção "Documentos", p. 131.

3 **lhaneza:** singeleza, afabilidade.

silêncio anterior à palavra que Caeiro deseja repousar. É mesmo nele que diz repousar. Regressar a esse Silêncio não é voltar do mais ao menos, da vida à morte, do dia à noite, mas o contrário, o regresso ao pleno dia da Realidade, ao puro existir, que ser-consciente (pensar e falar) turvam em seu princípio" (p. 43-44).

MARTINS, Fernando Cabral. "A noção das coisas". In: PESSOA, Fernando. *Poesia/Alberto Caeiro*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2001.
"Contra o erro da filosofia, que é o de querer pensar o mundo abstraindo das sensações, e contra a observação banal e ingênua, Caeiro propõe uma ciência. A ciência de ver. É esse o outro nome da sua poesia e da sua filosofia" (p. 294).

MOISÉS, Carlos Felipe. "O mundo de Alberto Caeiro". *Revista Humboldt*, Hamburgo (Alemanha), ano 8, n. 17, p. 35-37, 1968.
"Caeiro revela uma consciência tensa, inquieta, que expressa um pensamento cada vez mais complexo, quando não, pleno de sutilezas, levando-nos a supor um diálogo travado entre esse 'homem ingênuo', que ele diz ser, e uma outra dimensão sua, velada, o 'homem pensante', que ele de fato é mas finge não ser, e que impossibilita a ingenuidade integral. [...] A única realidade possível para Alberto Caeiro é a realidade da consciência, vale dizer a realidade poética. Para Caeiro, o real se reduz às imagens e aos ritmos de sua poesia" (p. 35-36).

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa*. São Paulo: Agir, 1958.
"Em Alberto Caeiro revela Pessoa uma face positiva. Mas [...] essa face positiva só lhe é dada, precisamente, porque na poesia de Alberto Caeiro o homem foi abolido. Explico-me: enquanto à poesia de Fernando Pessoa ele-mesmo a alimenta uma emoção de fonte intelectual, e à de Álvaro de Campos um abandono à emoção, à de Caeiro é a abolição do pensar e do sentir que por assim dizer a cria. Caeiro não pensa nem sente: existe como uma pedra ou uma flor; Caeiro identifica-se com a natureza. Por isso a sua poesia é afirmativa, positiva, e evidente como um fruto" (p. 95-96).

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
"A visão do mundo de Alberto Caeiro, o primeiro e o mais prestigioso heterônimo, escapa aos muitos ismos de que a sua poesia parece constituir

a expressão. O poeta ama a Natureza, mas sem a exaltação do naturalismo que a diviniza e adora. [...] Alberto Caeiro, que desconhece o problema da substância, está longe do materialismo, por ele reputado muito estúpido — 'coisa de padres sem religião e portanto sem desculpa nenhuma'. [...] Se o naturalismo abstrai os seres em proveito do conjunto, do todo, que é a Natureza, o sensualismo, não menos abstrato, tudo reduz a elementos sensíveis, a impressões-átomos, desfigurando as sensações, cada uma das quais, diferente das outras, é nova, se sabemos sentir. Como se fosse um discípulo moderno e ocidentalizado do Zen-budismo[4], Caeiro adestra-se a ter uma visão direta do mundo, não turbada pela necessidade de reflexão" (p. 220-221).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa: aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
"O que Suzuki diz de Buda poderia ser dito de Caeiro: 'Não foi o seu adestramento filosófico nem as suas austeridades ascéticas[5] ou morais que levaram finalmente Buda à sua experiência de iluminação. Buda só a atingiu depois que abriu mão de todas as práticas superficiais, que se demoram em torno das superficialidades de nossa existência. As rochas estão onde estão — tal é a vontade delas. As plantas crescem — tal é a vontade delas. Os pássaros voam — tal é a vontade deles. Os seres humanos falam — tal é a sua vontade. Mudam as estações, o céu manda à terra chuva ou neve, a terra de vez em quando estremece, rolam as ondas, cintilam as estrelas — cada qual segue a própria vontade' [D.T. Suzuki, Erich Fromm e Richard de Martino, *Zen-budismo e psicanálise*, São Paulo: Cultrix, 1976, p. 63]. Essa foi a sabedoria alcançada por Buda, como por Caeiro" (p. 120).

SACRAMENTO, Mário. *Fernando Pessoa: poeta da hora absurda*. Lisboa: Contraponto, 1959.
"Toda a poesia de Caeiro é assim, o 'fora' a tentar embalde mascarar-se recalcando o 'dentro'. A metafísica do não-pensar-em-nada é a do ter-pensado-inutilmente-em-tudo. Caeiro chama o 'fora' em seu socorro contra o que o solicita para a dor de 'dentro'. Daí a ambição tipicamente absurda de 'pensar com os olhos e com os ouvidos / E com as mãos e os pés / E

4 **zen-budismo:** sistema filosófico e religioso indiano fundado por Siddarta Gautama, o Buda (563-483 a.C.), que prega a superação de todo sofrimento pela obtenção de um estado interior de bem-aventurança integral, o *nirvana*.

5 **ascéticas:** místicas, contemplativas, austeras.

com o nariz e a boca'. Introdução à utopia duma fuga ao absurdo — eis como poderia rotular-se a obra de Caeiro" (p. 65).

SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
"Para Caeiro, a objetividade das sensações, aderindo de tal modo às coisas que delas elimina qualquer resquício de subjetividade, aparece à primeira vista como 'totalmente não poética'. Acontece, porém, que é dessa matéria não poética que ele constrói precisamente os seus poemas. O segredo de Caeiro consiste, no fundo, em extrair a sua poesia da ausência de 'poesia', através duma linguagem direta e natural. [...] Quando começamos a ler um qualquer dos seus poemas, a primeira sensação que temos é a de que o fio do discurso se vai espraiando, de verso para verso, com a mesma sucessão frásica[6] de um texto em prosa, geralmente narrativo; mas, progressiva e insensivelmente, a cadência rítmica acaba por impor-se-nos, pela presença de elementos versificatórios recorrentes que se insinuam pouco a pouco até penetrar-nos como uma espécie de música verbal" (p. 99-101).

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa: história de uma geração*. Lisboa: Bertrand, 1950. 2 v.
"Alberto Caeiro, no bucolismo materialista e primitivo dos seus versos, não se revela um homem — denuncia-se uma mente, uma desintegrada e desincorporada mente poética. [...] Não é então sincera a poesia de Alberto Caeiro? Sem dúvida que o é. Se o não fosse, ser-nos-ia impossível senti-la como a sentimos — expressão de uma alma humana. [...]
Em 'O guardador de rebanhos' o homem que se debruça por cima do ombro do Alberto Caeiro fictício parece todo empenhado em dar razão aos versos que está escrevendo — e esses versos, na sua generalidade, são versos realmente críticos e frios, versos substancialmente intelectuais. [...] De fato, a alma 'como um pastor' que 'anda pela mão das Estações' e a 'paz da Natureza' que vem sentar-se ao lado do poeta são materializações do espírito, características que irão desaparecer à medida que Alberto Caeiro for avançando na composição dos seus trinta e tantos poemas escritos de uma só vez" (v. 1, p. 260-267).

6 **frásico:** relativo às frases.

RESUMO BIOGRÁFICO

1888 Nasce no dia 13 de junho, em Lisboa, Portugal, Fernando Antônio Nogueira Pessoa, filho de Joaquim de Seabra Pessoa e Maria Madalena Pinheiro Nogueira Pessoa.

1889 Nascimento do seu irmão, Jorge.

1893 Morte do pai. No mesmo ano, morre também o irmão.

1895 A mãe se casa em segundas núpcias com João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban, colônia inglesa na África do Sul, para onde parte, sozinho.

1896-1899 No dia 6 de janeiro de 1896, Maria Madalena e Fernando Antônio embarcam para Durban, onde a família vai permanecer por muitos anos. Aí vão nascer os cinco irmãos do poeta, do segundo casamento da mãe: Henriqueta Madalena (1896), Madalena Henriqueta (1898), Luís Miguel (1900), João (1902) e Maria Clara (1904). Pessoa faz o curso primário no convento de West Street, de freiras católicas irlandesas, e em 1899 ingressa na Durban High School, onde logo se destaca pela aplicação aos estudos.

1901-1904 Em agosto de 1901, a família regressa a Lisboa, em férias. Na volta, em maio de 1902, param nos Açores; retornam a Durban em setembro, quando ele retoma os estudos. Du-

rante o ano letivo de 1904, frequenta a Commercial School, que equivale aos preparatórios para a universidade.

1905 Depois de ter vivido por cerca de dez anos na África do Sul, onde realizou toda a sua formação escolar, em língua inglesa, Fernando Pessoa desiste do curso de Artes, na Universidade do Cabo (já tinha sido aprovado nos exames). Em agosto de 1905 retorna sozinho a Lisboa e se matricula no curso de Letras, que abandona um semestre depois, preferindo estudar por conta própria.

1908 Começa a trabalhar em vários escritórios de importação e exportação, em Lisboa, incumbindo-se da correspondência comercial, em francês e inglês. Vai exercer essa atividade até o fim da vida (depois que voltou da África nunca mais saiu de Lisboa), como forma de garantir a sobrevivência modesta, inteiramente dedicada à criação literária. Nunca teve um emprego regular, nunca fez questão de um diploma universitário, não se casou, não teve filhos, viveu a vida toda sozinho.

1910 Data da proclamação da República em Portugal e início de um período de grande agitação, luta armada, guerra civil. Dividido entre monarquistas e republicanos, o país entra em crise, e isso afetou muito o espírito de Fernando Pessoa. O projeto de um livro nacionalista, como *Mensagem* (que primeiro se chamou *Portugal*), começou a ser elaborado nessa época.

1912 Estreia na revista *A Águia*, dirigida pelo poeta e filósofo saudosista Teixeira de Pascoais, com o artigo "A nova poesia portuguesa", em que profetiza o aparecimento de um grande poeta, o "super-Camões".

1913 Conhece Mário de Sá-Carneiro, Luís de Montalvor, José de Almada Negreiros e outros jovens poetas e artistas, formando com eles um grupo de vanguarda, a primeira geração modernista em Portugal.

1914 Segundo depoimento do próprio poeta (ver "Documentos"), no dia 8 de março, e nos dias subsequentes, Pessoa inventa os seus principais heterônimos, começando por Alberto Caeiro.

1915 Lança, com o seu grupo de vanguarda, a revista *Orpheu*, revolucionária, irreverente, escandalosa, que teve apenas dois números, mas colaborou decisivamente para introduzir o modernismo em Portugal.

1916 Recebe a notícia do suicídio do amigo e grande poeta Mário de Sá-Carneiro, que, em um hotel em Paris, tinha acabado de ingerir cinco frascos de estricnina.

1917 Sai o número único da revista *Portugal futurista*, com um manifesto de Álvaro de Campos, "*Ultimatum*", mais escandaloso que a revista *Orpheu*, contra a decadência da Europa, em plena Primeira Guerra Mundial. Em meio à sua revolta, Álvaro de Campos diz que o homem verdadeiro deve "trocar de filosofia como quem troca de camisa". Poderíamos dizer que a afirmação se relaciona com os heterônimos: Fernando Pessoa cria heterônimos como quem troca de filosofia.

1918 Publica dois pequenos livros de poemas em inglês, *Antinous* e 35 *Sonnets*, mais tarde reunidos em dois volumes, *English poems* I-II (1921), com o acréscimo de "*Epithalamium*" e "*Inscriptions*".

1919 Morre o padrasto, na África do Sul. A mãe regressa a Lisboa.

1920 Começa um namoro, por carta, com Ofélia de Queirós, irmã do poeta Carlos de Queirós e funcionária de um dos escritórios onde Pessoa trabalhava. O namoro foi breve, tendo sido reatado em 1929, quando também não resultou em nada.

1922 Colabora na revista *Contemporânea*, sucessora de *Orpheu*. Depois ajuda a fundar outra revista, *Athena* (1924). É nessas

revistas que ele vai divulgando seus artigos, ensaios e poemas. Planeja publicar mais de um livro de poesia em português (sua obra já era extensa), mas vai sempre adiando.

1925 Morte da mãe.

1927 Logo em seguida à proclamação do Estado Novo (1926) e início do regime fascista em Portugal, surge a revista *Presença*, dirigida por José Régio e João Gaspar Simões. É a segunda geração modernista, que desde o início reconhece em Fernando Pessoa o seu "mestre", apesar de ele ainda não ter publicado, até então, nenhum livro em português.

1929 Sai o livro *Temas*, de João Gaspar Simões, em que aparece o primeiro estudo crítico sobre a obra e a personalidade de Fernando Pessoa.

1932 Candidata-se ao cargo de bibliotecário do museu particular do conde de Castro Guimarães, em Cascais, perto de Lisboa, mas é recusado.

1934 Publica o livro *Mensagem*, com o qual concorre ao prêmio Antero de Quental, promovido pelo governo salazarista. Fica em segundo lugar. O primeiro vai para o livro *Romaria*, de Vasco Reis.

1935 Morte do poeta, vitimado por uma crise hepática (excesso de bebida alcoólica), no Hospital de São Luís, em Lisboa, no dia 30 de novembro.

1942 Tem início a publicação de seus livros, pelas Edições Ática, de Lisboa. O mundo aos poucos vai descobrindo a quantidade, a variedade e a genialidade da obra que Fernando Pessoa produziu e que manteve, em grande parte, inédita.

1958 Sai a primeira edição popular de sua poesia no Brasil, uma pequena antologia (coleção "Nossos Clássicos", da editora Agir), organizada pelo poeta e crítico português Adolfo Casais Monteiro, que tinha participado da revista

Presença, sido amigo e correspondente de Pessoa e estava exilado no Brasil.

1960 Sai a primeira edição de sua *Obra poética*, no Brasil, em um só volume, pela editora José Aguilar, hoje Nova Aguilar. Mas não é a poesia completa: nos anos seguintes, muita coisa mais foi sendo divulgada. A partir dos anos 1960, a fama e o prestígio de Fernando Pessoa começam a crescer, sem parar, ao mesmo tempo que sua obra vai sendo traduzida para as principais línguas modernas, confirmando-o como um dos maiores poetas do século XX.

OUTRAS EDIÇÕES DE ALBERTO CAEIRO

Poemas de Alberto Caeiro

Lisboa: Edições Ática, 1946, 1. ed., org. por João Gaspar Simões e Luís de Montalvor, v. 3 da série *Obras completas de Fernando Pessoa*. (Várias reedições.)

Poemas completos de Alberto Caeiro

Parte do volume único *Obra poética* de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960, p. 137-185, 1. ed., org. por Maria Aliete Galhoz. (Várias reedições.)

Poemas completos de Alberto Caeiro

Lisboa: Presença, 1994, org. por Teresa Sobral Cunha.

Poesia/Alberto Caeiro

Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, org. por Richard Zenith e Fernando Cabral Martins para a coleção Obras de Fernando Pessoa.

ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS

O guardador de rebanhos
Acho tão natural que não se pense 63
Acordo de noite subitamente, 67
Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto, 67
Ao entardecer, debruçado pela janela, 37
Aquela senhora tem um piano 49
As bolas de sabão que esta criança 57
As quatro canções que seguem 50
Às vezes, em dias de luz perfeita e exata, 58
Bendito seja o mesmo sol de outras terras 65
Como quem num dia de Verão abre a porta de casa 56
Como um grande borrão de fogo sujo 64
Da mais alta janela da minha casa 70
Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do universo… 42
Deste modo ou daquele modo, 68
E há poetas que são artistas 64
Esta tarde a trovoada caiu 38
Eu nunca guardei rebanhos, 35
Há metafísica bastante em não pensar em nada. 39
Leve, leve, muito leve, 49
Li hoje quase duas páginas 59
Meto-me para dentro, e fecho a janela. 71
Não me importo com as rimas. Raras vezes 49
Nem sempre sou igual no que digo e escrevo. 60
No entardecer dos dias de Verão, às vezes, 66
No meu prato que mistura de Natureza! 51
Num dia excessivamente nítido, 70
Num meio-dia de fim de primavera 42

O luar através dos altos ramos, 63
O luar quando bate na relva 52
O meu olhar azul como o céu 56
O meu olhar é nítido como um girassol. 37
O mistério das cousas, onde está ele? 65
O que nós vemos das cousas são as cousas. 57
O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, 55
"Olá, guardador de rebanhos, 48
Ontem à tarde um homem das cidades 61
Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras cousas 49
Passa uma borboleta por diante de mim 66
Passou a diligência pela estrada, e foi-se; 67
Pensar em Deus é desobedecer a Deus, 42
Pobres das flores nos canteiros dos jardins regulares. 62
Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois 50
Quem me dera que eu fosse o pó da estrada 51
Se às vezes digo que as flores sorriem 61
Se eu pudesse trincar a terra toda 55
Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o. 60
Só a Natureza é divina, e ela não é divina… 59
Sou um guardador de rebanhos. 48
Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta. 68

O pastor amoroso

Agora que sinto amor 78
Está alta no céu a lua e é primavera. 77
O amor é uma companhia. 78
O pastor amoroso perdeu o cajado, 80
Passei toda a noite, sem saber dormir, vendo sem espaço a figura dela 79
Quando eu não te tinha 77
Talvez quem vê bem não sirva para sentir 79
Todos os dias agora acordo com alegria e pena. 78

Poemas inconjuntos

A água chia no púcaro que elevo à boca. 90
A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas 106
A espantosa realidade das coisas 104
A guerra, que aflige com os seus esquadrões o mundo, 98
A manhã raia. Não: a manhã não raia. 87

A neve pôs uma toalha calada sobre tudo. 92
A noite desce, o calor soçobra um pouco. 88
Ah, querem uma luz melhor que a do sol! 90
Como uma criança antes de a ensinarem a ser grande, 112
Criança desconhecida e suja brincando à minha porta, 99
De longe vejo passar no rio um navio… 88
Deito-me ao comprido na erva 92
Dizem que em cada coisa uma coisa oculta mora. 113
Dizes-me: tu és mais alguma cousa 103
Duas horas e meia da madrugada. Acordo, e adormeço. 91
É noite. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande distância 93
É talvez o último dia da minha vida. 118
Então os meus versos têm sentido e o universo não há de ter sentido? 106
Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo 101
Estou doente. Meus pensamentos começam a estar confusos. 108
Eu queria ter o tempo e o sossego suficientes 106
Falaram-me em homens, em humanidade, 102
Falas de civilização, e de não dever ser, 97
Gozo os campos sem reparar para eles. 91
Hoje de manhã saí muito cedo, 114
Leram-me hoje S. Francisco de Assis. 97
Mas para que me comparar com uma flor, se eu sou eu 110
Medo da morte? 118
Não basta abrir a janela 92
Não sei o que é conhecer-me. Não vejo para dentro. 112
Não tenho pressa. Pressa de quê? 112
Navio que partes para longe, 89
No dia brancamente nublado entristeço quase a medo 107
Noite de S. João para além do muro do meu quintal. 100
Nunca busquei viver a minha vida. 113
Nunca sei como é que se pode achar um poente triste. 87
O que ouviu os meus versos disse-me: que tem isso de novo? 98
O que vale a minha vida? No fim (não sei que fim) 104
O verde do céu azul antes do sol estar para nascer, 92
Ontem o pregador de verdades dele 99
Para além da curva da estrada 87
Passar a limpo a Matéria 104
Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas — 101
Patriota? Não: só português. 113

Pétala dobrada para trás da rosa que outros diriam de veludo, 91
Ponham na minha sepultura 118
Pouco a pouco o campo se alarga e se doura. 89
Pouco me importa. 110
Primeiro prenúncio da trovoada de depois de amanhã, 93
Quando a erva crescer em cima da minha sepultura, 117
Quando está frio no tempo do frio, para mim é como se estivesse agradável, 88
Quando tornar a vir a primavera 115
Quando vier a primavera, 115
Se eu morrer novo, 116
Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, 117
Seja o que for que esteja no centro do mundo, 108
Sempre que penso uma cousa, traio-a. 106
Sim: existo dentro do meu corpo. 112
Também sei fazer conjecturas. 114
Todas as opiniões que há sobre a Natureza 110
Todas as teorias, todos os poemas 105
Tu, místico, vês uma significação em todas as cousas. 101
Última estrela a desaparecer antes do dia, 89
Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol. 87
Uma gargalhada de rapariga soa do ar da estrada. 100
Verdade, mentira, certeza, incerteza… 111
Vive, dizes, no presente; 102

BOM LIVRO NA INTERNET

Ao lado da tradição de quem publica clássicos desde os anos 1970, a Bom Livro aposta na inovação. Aproveitando o conhecimento na elaboração de suplementos de leitura da Editora Ática, a série ganha um suplemento voltado às necessidades dos estudantes do ensino médio e daqueles que se preparam para o exame vestibular. E o melhor: que pode ser consultado pela internet, tem a biografia do autor e traz a seção "O essencial da obra", que aborda temas importantes relacionados à obra.

Acesse **www.atica.com.br/bomlivro** e conheça o suplemento concebido para simular uma prova de vestibular: os exercícios propostos apresentam o mesmo nível de complexidade dos exames das principais instituições universitárias brasileiras.

Na série Bom Livro, tradição e inovação andam juntas: o que é bom pode se tornar ainda melhor.

Créditos das imagens

capa: *Herança*, 2007, obra de Thiago Rocha Pitta; **6:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **9:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **10:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **11:** Lancastre, Maria José de. *Fernando Pessoa – uma fotobiografia*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984; **12:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **13:** Lancastre, Maria José de. *Fernando Pessoa – uma fotobiografia*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984; **14:** Lancastre, Maria José de. *Fernando Pessoa – uma fotobiografia*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984; **15:** Lancastre, Maria José de. *Fernando Pessoa – uma fotobiografia*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984; **16:** Lancastre, Maria José de. *Fernando Pessoa – uma fotobiografia*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984; **20e:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **20d:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **22:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **23:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **25:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **26:** Fonte: www.purl.pt/1000/1; **27:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **141:** *Fernando Pessoa – hóspede e peregrino*. Lisboa, Instituto Português do Livro, 1983; **160:** *Catálogo de clichês* / D. Salles Monteiro, São Paulo, Ateliê Editorial, 2003; **quarta capa:** Edilaine Cunha.

OBRA DA CAPA

THIAGO ROCHA PITTA
(Tiradentes, MG, 1980)
Herança, 2007
Fotografia (still de vídeo), 90 x 60 cm

Herança é aquilo que herdamos, de forma jurídica, genética ou figurada. Na plácida e improvável imagem fotográfica captada com base em um vídeo de 11 minutos em que um pequeno barco vagueia desgovernado, Thiago Rocha Pitta chega à essência do que significa "herdar": esse misto de visível e encoberto, de solidez e desenraizamento, de imobilidade e turbulência. Seria a obra do poeta-pastor Alberto Caeiro um fragmento de calma instável, construído a partir do mais profundo mar revolto da alma de seu multifacetado criador, o poeta lisboeta Fernando Pessoa?

THIAGO ROCHA PITTA nasceu na cidade de Tiradentes, em Minas Gerais, no ano de 1980. Possui uma trajetória bastante premiada, iniciada em 2001. Hoje, concebe perturbadores territórios imaginários ao mesmo tempo que atualiza a pintura de paisagens em outros suportes.

Veja outros grandes clássicos da série Bom Livro:

- **ALMEIDA GARRETT**
  Viagens na minha terra

- **ÁLVARES DE AZEVEDO**
  Lira dos vinte anos e poesias diversas

- **CAMILO CASTELO BRANCO**
  Amor de perdição

- **CASTRO ALVES**
  Espumas flutuantes e outros poemas

- **CRUZ E SOUSA**
  Antologia poética

- **EÇA DE QUEIRÓS**
  A cidade e as serras
  O crime do padre Amaro

- **GIL VICENTE**
  Auto da barca do inferno, Farsa de Inês Pereira e Auto da Índia

- **GONÇALVES DIAS**
  Poesia lírica e indianista

- **LUÍS DE CAMÕES**
  Os lusíadas
  Sonetos

- TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA
  Marília de Dirceu e Cartas Chilenas

- VÁRIOS AUTORES
  Antologia de poesia brasileira – Romantismo

Para conhecer mais títulos da série, acesse www.atica.com.br/bomlivro

Este livro foi composto nas fontes
Interstate, projetada por Tobias Frere-
-Jones em 1993, e Joanna, projetada
por Eric Gill em 1930, e impresso
sobre papel pólen soft 70 g/m²

Alberto Caeiro é o primeiro e mais conhecido heterônimo de Fernando Pessoa. É aquele que se ocupa das coisas da natureza – pedras, plantas, riachos, sol, chuva, vento, nuvens, animais – e que se autodenomina um guardador de rebanhos.

Por trás da simplicidade temática e do aparente imediatismo de seus poemas, no entanto, escondem-se reflexões sobre o pensar e o viver que nos desafiam a cada verso. Nesta antologia, o leitor vai descobrir por que o próprio Fernando Pessoa considerava Caeiro seu mestre.

FERNANDO PESSOA nasceu em 1888, em Lisboa, Portugal, onde faleceu em 1935. É um dos mais importantes escritores da língua portuguesa, tendo se tornado célebre pela criação de heterônimos com estilo e identidade próprios. Entre os mais conhecidos deles estão Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. De acordo com seu criador, Caeiro teria vivido entre 1889 e 1915 no Ribatejo, província ao norte de Lisboa.

BOM BL LIVRO

www.atica.com.br/bomlivro

ISBN 978-850816419-6

9 788508 164196

Na série Bom Livro você encontra as obras fundamentais da literatura brasileira e portuguesa em textos integrais, e com a melhor edição. Veja o que cada volume apresenta:

- Introdução e apêndice ilustrados, escritos por especialistas
- Notas explicativas que facilitam o entendimento e ampliam as referências culturais do leitor
- Na capa, o melhor da arte brasileira contemporânea